



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRODEMA – PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

ANA CAROLINA BRAGA DE SOUSA

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TEATRO NA HISTÓRIA: UMA
EXPERIÊNCIA EM BALBINO, CASCAVEL, CEARÁ**

**FORTALEZA
2011**

ANA CAROLINA BRAGA DE SOUSA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TEATRO NA HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA EM
BALBINO, CASCAVEL, CEARÁ.

Dissertação de Mestrado submetida à Coordenação do Programa Regional de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Organização do Espaço e Desenvolvimento Sustentável e Humano. Experiências e Modelos de Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque

FORTALEZA
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

S696e Sousa, Ana Carolina Braga de.
Educação ambiental e o teatro na história: uma experiência em Balbino, Cascavel, Ceará / Ana Carolina Braga de Sousa. – 2011.
70 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA, Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2011.

Área de Concentração: Organização do espaço e desenvolvimento sustentável e humano.
Orientação: Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque.

1. Educação. 2. Sustentabilidade 3. Metodologia de ensino. 4. Interdisciplinaridade. I. Título.

CDD 636.7

ANA CAROLINA BRAGA DE SOUSA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TEATRO NA HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA EM
BALBINO, CASCAVEL, CEARÁ.

Dissertação submetida à Coordenação do Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de Concentração: Organização do Espaço e Desenvolvimento Sustentável e Humano. Experiências e Modelos de Educação Ambiental.

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luiz Botelho Albuquerque (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Professora Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos
Universidade Federal do Ceará

Professora Dra. Lúcia Helena Fonseca Grangeiro
Universidade Estadual do Ceará

Dedico essa dissertação à minha mãe, Rita de Cascia
Braga de Sousa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram nos caminhos da pesquisa. Agradeço aos moradores da comunidade de Balbino, que me acolheram e participaram ativamente do processo de construção desse projeto de dissertação, suas histórias, conflitos e vivências coletivas é que inspiraram na elaboração dessa pesquisa. As senhoras Mundica, Francisca, Liduina, aos Sr. Miguel, ao Sr. Cicero, José Paé, senhor Tibião, Di Assis. Aos adolescentes que formaram o grupo de Educação Ambiental, meu carinho e amor a todos: Adeiza, Alessandra, Amadeu, Beatriz, Carol, Clauciane, Cleiciane, Dara, Débora, Everlane, Flávia, Geiza, Hercules, Isabela, Márcia, Mayara, Myrla, Rogéria, Rachel, Vera Lúcia, Wender, William, Wedila, entre outros que passaram pelo grupo ao longo dos anos. A diretora Manoela, a professora Camila da disciplina de História, aos professores da Escola de Ensino Fundamental de Balbino.

Ao professor Dr. Luiz Botelho Albuquerque, que se responsabilizou pela orientação de minha proposta de pesquisa, organizando ideias e tornando possível a conclusão desse projeto.

Ao professor Dr. Franck Ribard, do departamento de História da UFC, que me apresentou Balbino e me deu a oportunidade de participar como voluntária do projeto “Memória, Comunicação, Preservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável”, que originou meu interesse na área de estudos.

Agradeço ao CNPq por ter acreditado na pesquisa e financiado a bolsa de estudos do mestrado, fundamental para o desenvolvimento do mesmo, visto que, a pesquisa foi realizada em uma comunidade pesqueira localizada em uma cidade na costa leste do estado do Ceará.

Agradeço aos meus amigos do curso de História e de outros cursos da UFC, que me apresentaram a possibilidade de iniciar o percurso como pesquisadora, e estiveram ao meu lado na elaboração dos primeiros questionamentos sobre a história: André Aguiar, Ana Carmen, Andréia, João Batista Neto, Alexandre Gomes, Celina, Edgar Braga, Edson Holanda, Gustavo Maciel, Gesner, Henrique Sampaio, Joselene Maciel, José Gerardo Vasconcelos, Calixto, Carlos Jorge, Renata Torquato, Jane Wayne, Naigleison Santiago, Yassuo, Pedro Trigueiro, Kerson, Daniel Oliveira, João Paulo, Engels, Patricia Xavier, Thiago Schead, Guilherme Júnior, Rafael Ricarte, Ana Lorym.

Aos professores do departamento de História e aos professores que ministraram as disciplinas do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e os colegas de outros cursos com os quais convivi por me proporcionar o aporte teórico-

metodológico, colaborando com discussões, referências bibliográficas e questões que possibilitaram o conhecimento necessário adquirido para organizar a aprendizagem.

Aos que me orientaram do valor da educação para a formação do ser humano. À minha mãe Rita de Cascia que é minha fortaleza, meus irmãos Cairo, Luiza, Gustavo, às minhas tias Socorro e Goretti, Renata, Flora, Daniel e meu pai Luiz. À minha avó Zélia.

Aos amigos da turma de 2009 do Prodema: Ademir, Manoela, Laldiane, Francivan, Zoraia, Marta, Miguel, Leonardo, Davi, Renata Aline, Renata Torquato, Liana, Hélio, Jacqueline, Delano, Socorro e Cláudia.

Agradeço a Deus.

“O teatro é uma arma, uma arma muito eficiente, por isso é necessário lutar por ele. Por isso as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo modificam o próprio conceito do que seja o teatro. Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de libertação, para isso é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar”.

(Augusto Boal)

RESUMO

Esta dissertação tem como principal finalidade desenvolver um estudo a partir da experiência em educação ambiental que se encontra em processo de construção na comunidade denominada Balbino, distrito do município de Cascavel, localizado acerca de 52 km de Fortaleza. Balbino é uma comunidade litorânea marcada pela luta da posse de terras e a resistência à especulação imobiliária, ao turismo de exploração e a pesca predatória, fatores que levam à conseqüente degradação dos recursos naturais e do ecossistema da comunidade. A proposta pedagógica dessa experiência se fundamenta numa perspectiva interdisciplinar, utilizando como elementos norteadores a educação ambiental e a história ambiental. Propõe perceber as conseqüências do turismo de exploração em Balbino, utilizando a pesquisa sobre fatos históricos relevantes para a comunidade e referentes a seus conflitos socioambientais e a utilização desordenada de seus recursos naturais. Como também desenvolver junto aos estudantes reflexões sobre o momento que a comunidade vivencia hoje, com a perspectiva de implantação de um resort nos arredores de seu espaço, questionar que transformações em seu meio ambiente podem ser realizadas e que tipo de desenvolvimento esse empreendimento pode trazer para a mesma, refletindo sobre conceitos como desenvolvimento, valores humanos, sustentabilidade, desigualdade e justiça ambiental. Utilizamos a arte-educação¹, mais especificamente o teatro, como metodologia para possibilitar o entendimento desse contexto, faz-se ainda uso de fontes documentais, entrevistas com os moradores, identificação dos lugares representativos para a conservação do ecossistema da comunidade e pesquisas bibliográficas, proporcionando a percepção da amplitude da questão ambiental para os estudantes, e, através da análise de Balbino, possibilitar a ampliação de seus olhares para essa problemática em proporções globais.

Palavras-chave: Experiência em educação ambiental, História, Teatro, Interdisciplinaridade.

¹ Esse conceito é trabalhado pelo autor João Francisco Duarte Jr. em seu livro **Porque Arte-Educação?** E compreende que arte-educação tem a ver com um modelo educacional fundado na construção de um sentido pessoal para a vida, próprio de cada educando. Duarte Júnior (1996).

ABSTRACT

This research project as it finality develop a study about the experience of environmental education, that is find in process of construction, in the community called Balbino, what presents as district of Cascavel, located about 52 km from Fortaleza. Balbino is a coastal community marked by the fight to the possession of the territory and the resistance to the speculation of the territory, the exploration tourism, and to predatory fishing, those factors, that lead the consequent degradation of natural resources and the ecosystem of the community. The pedagogical proposition of this experience is founded in a interdisciplinary perspective, using as guiding elements the environmental education and the environmental history, propounding realize the consequences of exploration tourism in Balbino, using the research about relevant history facts to the community that refers to it social and environmental conflicts and the disordered utilization of their natural resources, and develop with the students reflections about this moment in the community, with the perspective of the implantation of a resort in their space, making questions about the transformations that can be realized in the environmental, and also the kind of development this achievement can bring to the community, reflecting about concepts like development, humans values, dissimilarity and environmental justice. We use the arts education, more specifically the theater as a methodology for enable the understanding of this context, making use of documental sources, interview with the area residents, identification of the representative places for the conservation of the community ecosystem and bibliography resources, providing the perception of the amplitude of the environmental question to the students, analyzing Balbino, and making the possibility, by that experience, the enlargement of their looks to the problem in a global proportion.

Keywords: experience of environmental education, history, theater, interdisciplinary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa da área.....	19
Figura 02 - Entrada da cidade.....	20
Figura 03 - Posto de Saúde de Balbino.....	21
Figura 04 - Igreja Nossa Senhora dos Navegantes.....	21
Figura 05 - Galpão para armazenamento do pescado.....	22
Figura 06 - Escola de Ensino Fundamental de Balbino.....	23
Figura 07 - Área da zona de praia. Barracas e embarcações.....	24
Figura 08 - Setor de Geo-processamento.....	38
Figura 09 - Sala de aula da escola de Balbino.....	47
Figura 10 - Oficina de Cinema.....	51
Figura 11 - Reportagem do jornal O Povo, 1987.....	52
Figura 12 - Reportagem do jornal O povo, 1997.....	53
Figura 13 - Aula de campo com grupo de adolescentes.....	53
Figura 14 - Barra da praia.....	54
Figura 15 - Buraco da gasolina.....	55
Figura 16 - Lagoa Seca.....	56
Figura 17 - Brechó organizado pelos estudantes na semana cultural.....	57
Figura 18 - Exercício de leitura para ensaio.....	59
Figura 19 - Apresentação da peça “Balbino em defesa do Meio Ambiente.....	60
Figura 20 - Exposições Temáticas.....	62
Figura 21 - Exposição de desenhos.....	63
Figura 22 - Almofadas para produzir artesanato de “renda de bilro”.....	63
Figura 23 - Mostra de Vídeos do Festival de Artes.....	64
Figura 24 - Apresentação da peça “Balbino em Defesa do Meio Ambiente”.....	65
Figura 25 - Apresentação da peça na escola de Balbino.....	65

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

APA	Área de Preservação Ambiental
EA	Educação Ambiental
EIA	Estudo de Impacto Ambiental
FUNCEME	Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos
PRODEMA	Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimentos e Meio Ambiente
PET	Programa de Educação Tutorial
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SEMACE	Superintendncia Estadual do Meio Ambiente

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A COMUNIDADE DE BALBINO. HISTÓRIA, CONFLITOS E PERSPECTIVAS.	19
2.1 Análise da história e dos Conflitos socioambientais (1986-2009).....	19
2.2 Impactos, resistências e institucionalização da área de preservação ambiental.....	25
2.3 Áreas de impactos.....	28
2.4 Ações coletivas e a APA de Balbino.....	29
2.5 Surgimento de novos conflitos.....	30
2.6 Caracterização Geo-ambiental.....	31
3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E HISTÓRIA AMBIENTAL; CONCEITOS E ABORDAGENS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR	35
3.1 Transversalidades entre educação ambiental e educação popular.....	35
3.2 Educação Ambiental: História e Fundamentos Teóricos.....	36
3.3 História Ambiental: Relações: tempo, homem, natureza.....	38
3.4 História Ambiental no Brasil e no Ceará.....	40
4. PERCURSO METODOLÓGICO	42
4.1 Pesquisa-ação.....	42
4.2 Arte-educação e o teatro como metodologia de ensino.....	44
4.3 Relações entre o teatro e a natureza.....	44
4.4 O teatro do oprimido: Augusto Boal e o teatro popular.....	45
4.5 Fontes e Linguagens.....	45
5. O ESPETÁCULO: PRODUÇÃO CÊNICA, RESULTADOS PARA A COMUNIDADE	59
5.1 A produção cênica. Criação, montagem, apresentação.....	59
5.2 Festival de Artes. Mostra de resultados da experiência para a comunidade.....	61

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPOSTAS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTINUADA.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXOS.....	71

INTRODUÇÃO

A ideia de elaboração desse projeto de pesquisa teve início a partir da intenção de desenvolver uma experiência em educação ambiental em Balbino, comunidade que tem como característica ser um distrito do município de Cascavel, localizado na região leste do estado do Ceará, configurando-se enquanto comunidade pesqueira marítima.

A minha relação com o objeto de pesquisa, ou seja, a criação de uma prática educativa realizada numa comunidade pesqueira relaciona-se com minhas próprias vivências e histórias. Quando em minha infância, esperava ansiosa pelo início das férias escolares para fugir da cidade onde morava, Fortaleza, e me entregar à liberdade de correr em praias como Paracuru, Lagoinha, e Flecheiras, praias estas localizadas no litoral oeste do estado, e onde se reuniam todos os parentes e amigos de minha família, alguns vindo da capital, como nós, e outros vindo de diversas cidades do interior do estado como Itapipoca, Trairi, Pentecoste e Paraipaba, sendo esta geralmente onde nos estabelecíamos por ser o local em que morava meu bisavô.

Depois de toda a família reunida, pegávamos o caminho de algumas dessas praias e ali podíamos viver a liberdade, sem grades nas janelas, perigo de assaltos nas ruas ou mesmo a modorrenta televisão como única forma de diversão. Nas comunidades visitadas, sentíamos que o ritmo de vida se dava de forma diferenciada, que além do trabalho, da marcação das horas, as pessoas se tratavam de forma diferenciada, com mais respeito, mais dignidade. Geralmente eram locais onde todos ou quase todos se conheciam, e onde éramos levados por nossos novos amigos que ali fazíamos, a conhecer suas casas, seus pais, sua vida, onde não havia o medo do outro, do estranho, naquele tempo éramos somente crianças, todas iguais.

E quando tínhamos de ir embora, eu, particularmente, sentia muito, por não querer voltar para as horas controladas, os dias observando a rua por detrás dos portões fechados, a cidade cheia de carros e pessoas mal-humoradas. Era esse o meu sentimento quando pensava em comunidades pesqueiras. Lugares cheios de riquezas, onde muitas delas não podíamos contar materialmente.

Muito tempo passei sem ir a esses lugares, e qual não foi minha surpresa ao perceber as diferenças que ali se encontravam. Cidades mais urbanizadas, também cheias de carros e de portões fechados. As casas dos pais dos meus amigos já não se encontravam onde estiveram

antes, deram lugar a comércios ou casas de veraneio. As casas dos antigos moradores tornaram-se afastadas das praias, em algum bairro distante, assim como eram distantes as relações que eu havia vivenciado. Muitas dessas praias que frequentei na minha infância, como lagoinha, por exemplo, apresenta uma configuração espacial e ritmos de vida intensamente transformados. A inserção do turismo de grandes hotéis, ou *resorts*, modificou drasticamente a comunidade e relações que antes eu desconhecia como a exploração do trabalho infantil, a partir da venda de produtos na praia para os turistas, bem como mão de obra utilizada nas barracas, prostituição, e uso de drogas eram novos contextos que surgiram no cotidiano dessas comunidades pesqueiras, e a partir dessas percepções, foi surgindo em mim a ideia de agir de alguma maneira para compreender e intervir nessas novas dimensões de vivências dessas comunidades.

Licenciada em História pela Universidade Federal do Ceará, tive a oportunidade de participar como voluntária de um projeto de extensão e pesquisa intitulado: Programa de Formação e Apoio à Associação de moradores do Balbino: Memória, Comunicação, Preservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Este projeto, realizado por professores e alunos dos cursos de História, Biologia e Comunicação Social, e coordenado pelo professor Franck Ribard, do departamento de História, apresentava caráter interdisciplinar, e tinha como objetivo desenvolver atividades de pesquisa e extensão junto à associação de moradores de Balbino e também na escola da comunidade. Atividades como a formação do I fórum da comunidade de Balbino, um fórum de discussão sobre turismo e desenvolvimento no primeiro semestre de 2005, nomeado “Que Balbino Queremos?”, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Instituto TERRAMAR, com o intuito de incentivar a formação na comunidade de um turismo comunitário sustentável, também discutir ações e perspectivas para a implantação desse tipo de turismo.

Dentre as atividades propostas pelo projeto na comunidade, realizei, na escola de Balbino, em conjunto com um colega do curso de História, Edgar Braga, uma oficina intitulada “O Homem e o Mar no território Cearense”, com o objetivo de associar a análise histórica e a observação crítica do processo de ocupação do litoral cearense, para compreensão da própria história da comunidade e de como esta se relaciona com os problemas ambientais e preservação de seus recursos naturais.

Esta experiência foi realizada entre os meses de setembro e dezembro de 2006 e desenvolvida com estudantes da Escola de Ensino Fundamental do Balbino, adolescentes com idades entre doze e dezessete anos. A proposta da oficina foi aceita com entusiasmo pelos estudantes e encerramos a prática com o desejo de voltar e compreender melhor qual era o diferencial de uma comunidade que luta e resiste em meio aos conflitos que enfrenta, como a especulação imobiliária, a pesca predatória, os impactos ambientais gerados por estes conflitos.

O projeto de extensão teve seu encerramento no ano de 2006. Mas a minha inquietação e admiração por essa comunidade me fez questionar de que forma poderíamos dar continuidade às reflexões propostas, e também, de que maneira poderíamos criar uma prática pedagógica e metodológica que inserisse Balbino cada vez mais na luta por sua sustentabilidade e garantisse suas futuras gerações também realizar ações políticas em defesa de sua comunidade, meio ambiente e relações coletivas.

Balbino é uma comunidade litorânea marcada pela luta da posse de terras, a resistência à especulação imobiliária, ao turismo de exploração, e a pesca predatória, fatores estes que levam a consequente degradação dos recursos naturais e do ecossistema da comunidade.

Um dos objetivos desse projeto de pesquisa propõe perceber as consequências do tipo de usos e ocupações realizadas em Balbino, utilizando a pesquisa sobre fatos históricos relevantes para a comunidade, e referentes à utilização desordenada de seus recursos naturais, e desenvolver junto aos estudantes, reflexões acerca do momento que a comunidade vivencia hoje, com a perspectiva de implantação de um *resort* nos arredores de seu espaço, e questionar que transformações em seu meio ambiente podem ser realizadas, e também que tipo de desenvolvimento esse empreendimento pode trazer para a mesma.

A partir da pesquisa que vem sendo realizada através do mestrado em desenvolvimento e meio ambiente desenvolvida na linha de pesquisa do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA): Organização do espaço e desenvolvimento sustentável- políticas de desenvolvimento sustentável e humano- experiências e modelos em educação ambiental, realizamos, em Balbino, uma experiência em educação ambiental de pesquisa e ensino, utilizando a arte-educação², e mais especificamente o teatro, como

² Esse conceito é trabalhado pelo autor João Francisco Duarte Jr. em seu livro **Por que Arte-Educação?** E compreende que arte-educação tem a ver com um modelo educacional fundado na construção de um sentido pessoal para a vida, que seja próprio de cada educando. Duarte Júnior (1996).

metodologia para possibilitar o entendimento desse contexto. Faz-se ainda uso de fontes documentais e hemerográficas, entrevistas com os moradores, identificação dos lugares representativos para a conservação do ecossistema da comunidade e pesquisas bibliográficas, proporcionando a percepção da amplitude da questão ambiental para os estudantes, analisando Balbino, e possibilitando, através dessa experiência, a ampliação de seus olhares para essa problemática em proporções globais.

Através do prosseguimento da pesquisa, pretendemos perceber como a educação ambiental, a pesquisa em história local e a prática de formação teatral se fundem enquanto linguagens, proporcionando um diálogo de saberes³ e transformando a prática cotidiana dos estudantes, suas ações e reflexões acerca de sua realidade vivenciada, e também dos diferentes atores sociais, e de como, a partir dessas percepções, estes podem intervir em seu próprio meio de convívio ou comunidade, possibilitando a formação de uma consciência ambiental crítica e de uma educação ambiental continuada, a partir da análise das relações que se estabelecem entre os moradores de Balbino e o meio em que vivem, no caso da comunidade, uma Área de Preservação Ambiental (APA) localizada na zona costeira do estado, o desequilíbrio ocasionado pela desorganização do seu ecossistema natural e ainda analisar as relações que esses indivíduos estabelecem entre si enquanto comunidade.

No capítulo I, pretendemos apresentar um princípio de análise sobre Balbino, sua configuração espacial, localização, caracterização de suas unidades geo-ambientais. Propomos um olhar sobre a história da comunidade, analisada a partir da década de oitenta do século XX, seus conflitos sócio-ambientais e impactos sofridos em seus recursos naturais.

Refletimos também sobre a atuação dos moradores diante desses conflitos, os movimentos de resistência criados, e a legitimação da luta através da institucionalização da área de preservação ambiental de Balbino e, nesse contexto, como se dá, na atualidade, o surgimento de novos conflitos, gerados pela perspectiva de implantação de um *resort* nos arredores do espaço da comunidade.

³ Compreendemos diálogo de saberes através do conceito utilizado por Floriani (2007) quando este o define como sendo a possibilidade de estabelecer intercâmbios entre diversas áreas de conhecimento humano, seja entre aqueles reconhecidos e legitimados pelas instituições produtoras e difusoras de conhecimento científico, como entre outros conhecimentos considerados não científicos (saberes culturalmente arraigados).

No segundo capítulo, discorremos sobre a educação ambiental, sua história e fundamentos teóricos, conceitos e formas de abordagem, de maneira a possibilitar um diálogo de saberes através de uma prática interdisciplinar, dinâmica e popular.

Pretendemos compreender, ainda, como a história ambiental referencia e fundamenta a pesquisa, de modo a perceber a partir da análise histórica, as diferentes relações entre tempo, sociedade e natureza na constituição espacial de Balbino, e deste inserido numa história coletiva, que entende a terra como um agente e uma presença na história. (Woster, 1988.) Analisaremos também a trajetória da história ambiental, contextualizando aspectos de sua historiografia e conceitos.

Propomos a constituição da formação de uma prática pedagógica interdisciplinar, com o intuito de desenvolver ações a partir dessa experiência em educação ambiental e refletir sobre problemáticas que a comunidade vivencia.

No terceiro capítulo, discutimos sobre a arte-educação e, particularmente, o teatro, como prática metodológica, sobre as interações entre a própria origem do teatro e suas relações com a natureza e as referências que nortearam a prática através do teatro popular do autor Augusto Boal.

Dissertamos no quarto e último capítulo sobre o percurso metodológico da experiência em Balbino, como se deu o processo na construção coletiva da pesquisa, os métodos e saberes analisados e vivenciados para a composição da prática teatral, a partir da atuação dos sujeitos envolvidos, no caso, estudantes-moradores da comunidade, e posteriormente, a mostra de resultados para a comunidade que tem como intuito apresentar a esta as possibilidades de criar e manter uma educação crítica, continuada e atuante em Balbino.

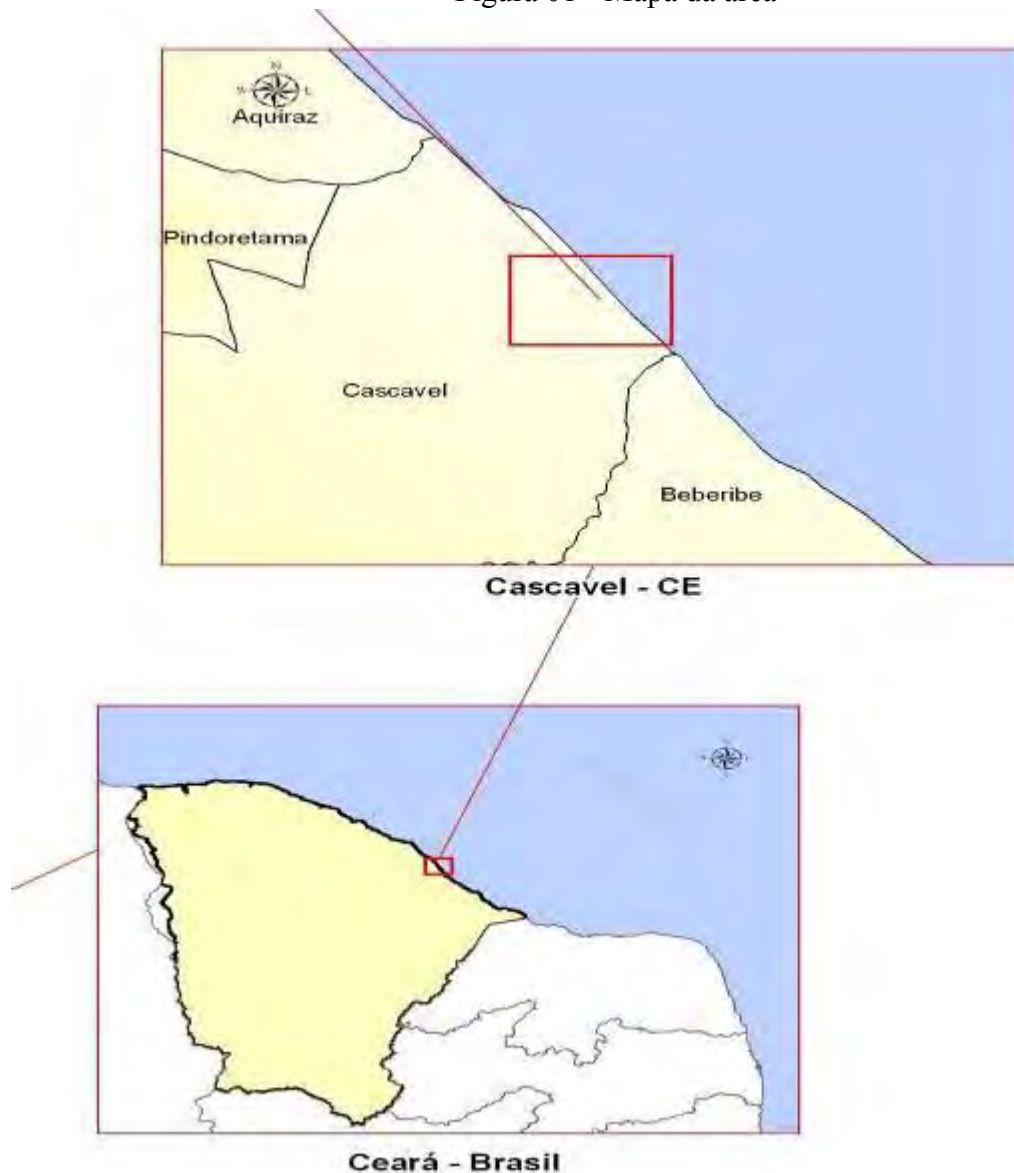
Por fim, apresentamos os resultados esperados com base na experiência em educação ambiental.

2. A COMUNIDADE DE BALBINO. HISTÓRIA, CONFLITOS E PERSPECTIVAS.

2.1 Análise da história e dos conflitos socioambientais (1986-2011)

Balbino é distrito do município de Cascavel, está localizado na região leste do Estado do Ceará, tem como via de acesso a CE-040 até o município de Pindoretama, e, a partir daí, a rodovia 235 que segue em direção à Caponga (Figura 01).

Figura 01 - Mapa da área



Fonte: Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE)

É uma localidade relativamente pequena, as casas estão distribuídas por toda a APA ⁴, poucas delas têm instalações sanitárias, algumas casas são construídas de taipa ou palha, porém possuem energia elétrica.

A população residente na comunidade é de cerca de 900 pessoas distribuídas em aproximadamente 180 famílias⁵.

Figura 02 - Entrada da cidade



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Adentrando o espaço de Balbino, encontramos logo no início da rua central um posto de saúde, que passa boa parte do tempo fechado, os médicos só vão lá uma vez por semana. Uma ambulância, adquirida na troca por um terreno na comunidade, está à disposição para levar os moradores de Balbino para outros postos de atendimento em casos de emergência.

⁴ A comunidade de Balbino é considerada a 1º área de preservação ambiental municipal do Ceará, teve a regulamentação do território da APA em 17 de setembro de 1997.

⁵ Instituto Terramar e departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, Projeto Iniciativas para uma gestão costeira sustentável, uso e ocupação da terra por comunidades tradicionais da zona costeira do Ceará, trecho do relatório referente à comunidade de Balbino, Fortaleza, 2003.

Figura 03 - Posto de Saúde de Balbino



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Ao lado do posto de saúde, encontramos a igreja Nossa Senhora dos Navegantes, de tradição católica, onde são realizados alguns dos tradicionais festejos religiosos de Balbino.

Figura 04 - Igreja Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Caminhando pela estrada de piçarra (o asfaltamento de Balbino só cobre a região que vai da rodovia 235 até a entrada da localidade onde surgem as primeiras residências), mais adiante, podemos observar diversas casas de moradores, pequenos comércios, como armarinhos e mercearias, e ainda, uma pequena fábrica de produção de jeans, propriedade de um empresário que possui uma casa de veraneio no local. Um pouco mais além, um clube recreativo quase em frente à igreja evangélica Assembléia de Deus, bastante frequentada

pelos moradores. Ao lado da igreja, um dos equipamentos da associação de moradores, uma espécie de frigorífico onde é armazenada a produção do pescado.

Figura 05 - Galpão para armazenamento do pescado



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Seguindo nesse caminhar pela comunidade, observamos uma diversidade de comércios. Bares, um mercadinho, uma sorveteria, além de uma lan-house, que compõem a área da Rua da Vitória (que recebeu esse nome após a “vitória” pela posse das terras), Rua Central da comunidade.

É importante perceber o aumento constante do fluxo de construção de novas moradias fora do espaço da rua central, provavelmente impulsionado pela crescente venda de terrenos, prática proibida durante o processo de conflito pela posse de terras. Os terrenos de Balbino só podiam ser adquiridos pelos habitantes da comunidade e sua distribuição ficava a critério da associação de moradores.

Dando prosseguimento, em uma reentrância da estrada à esquerda, chegamos à Escola de Ensino Fundamental de Balbino, que atende crianças e adolescentes da comunidade do Ensino Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, instituição bastante importante nos

processos de mobilização da comunidade e de extrema relevância no desenvolvimento da pesquisa, a que iremos nos referir com maior detalhamento posteriormente. A escola, no entanto, não atende a demanda educacional da comunidade, visto que, os alunos que concluem o Ensino Fundamental, passaram a procurar escolas em outras localidades próximas como Caponga, ou as cidades de Pindoretama ou Cascavel para cursarem o Ensino Médio.

Figura 06 - Escola de Ensino Fundamental de Balbino



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Voltando para a rua principal, percorrendo o caminho que leva à praia, passamos por sobre a barreira que cobre o Rio Mupeba, rio que cruza a comunidade e do qual os moradores se utilizam no período das cheias para a pesca.

Cruzando o rio, observamos um crescimento acentuado de construção de residências nessa área da comunidade, aproximando-se da praia, percebe-se o aumento no número de casas de tijolos, pequenos comércios, e há de se observar ainda a sede da associação de moradores e a quadra de esportes de Balbino localizadas em frente à faixa de praia.

A associação de moradores é o espaço em que acontecem as reuniões, encontros culturais e também religiosos. A quadra de esportes por sua vez é pouco utilizada devido ao seu péssimo estado de conservação, sem uma manutenção adequada, falta iluminação, redes para as traves, e podemos ver buracos por toda a extensão de sua superfície.

Após essas edificações, o espaço da zona de praia, onde muitos moradores exercem sua força produtiva, trabalhando como barraqueiros e garçons, nas diversas barracas dispostas na zona litorânea, ou exercendo a profissão de pescadores.

Figura 07 - Área da zona de praia. Barracas e embarcações



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Sobre as modificações acerca das mudanças estruturais da comunidade o Senhor José Pessoa de Oliveira, Zé Paé, pescador de 57 anos, relata:

“Eu acho que apesar das dificuldades hoje aqui é melhor, porque antes as casas daqui eram a maioria de palha e o piso era na areia mesmo, agora já dá pra ver um monte de casas de tijolos, o Balbino mudou muito, tem energia, as casas tudo tem televisão, eu dizia sempre a minha mulher, que a gente tinha o que comer, mas não tinha onde guardar. Por exemplo, se matasse um porco, tinha que distribuir pros vizinhos porque não tinha onde guardar, então, eu acho que o Balbino mudou muito. Se adoecia uma pessoa, tinha que levar ela era na rede, juntava dez, doze homens, e ia deixar o doente de rede lá na Caponga, hoje pelo menos a gente tem um posto de saúde e uma ambulância para levar os doentes”.⁶

Como podemos perceber, há precariedade na infraestrutura necessária para atender as demandas da população nas mais diversas áreas como transporte, educação, emprego. Nessa perspectiva, compreendemos que a carência de políticas públicas para o atendimento dessas

⁶ Entrevista realizada em Balbino, em 05.09.05.

demandas deixa aberta a possibilidade de transformar essas carências em “moedas de troca” para agentes externos à comunidade como empreendedores turísticos imobiliários.

A cultura local do lugar mantém tradições como as festas religiosas, a reverência aos mortos, e as danças, como a tradicional dança do coco, sendo uma das últimas comunidades litorâneas a ainda manter a tradição da dança, predominantemente realizada pelos homens da comunidade⁷.

É importante salientar, no entanto, que o papel das mulheres das comunidades pesqueiras, e em Balbino isso é bastante relevante, é imprescindível como disseminadoras dos saberes culturais, bem como no movimento de articulação e mobilização de luta e resistências dessas comunidades. Balbino tem representantes políticos importantes em toda a história de luta pela posse das terras. Como D. Francisca, 60 anos, reconhecida pelos moradores do povoado como liderança comunitária e teve recentemente também reconhecimento devido sua habilidade com a fabricação de rendas de bilro, tendo sido agraciada pela secretaria da cultura do estado com o título de mestre da cultura de Balbino.

2.2 Impactos, resistências e institucionalização da área de preservação ambiental.

Para a delimitação do objeto de pesquisa faz-se necessário considerar a história de Balbino enquanto comunidade atuante em diversos processos de resistência, ao que Lima (2002) denomina “*do movimento de urbanização turística dos litorais caracterizado pela perspectiva dos modos de vida em confronto, em espaços ocupados historicamente pelas comunidades pesqueiras marítimas*”.

Assim como grande parte do litoral cearense, essa comunidade sofre com as transformações ocorridas nas relações que o homem estabelece com o mar, tanto na capital, Fortaleza, como na zona costeira do estado, onde a partir da década de 20, do século XX, o mar assume um novo papel no cotidiano das pessoas, posto que, a este, era relegado o esquecimento numa sociedade predominantemente marcada pelo imaginário do sertão.

⁷ Segundo o geógrafo Mardneuson Sena, “Balbino é uma das poucas comunidades onde a dança do coco vêm sendo mantida como prática constante”. Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Jornal **O Povo**, Fortaleza, 09 de dezembro de 2002.

Dantas (2002) analisa o estudo da maritimidade em Fortaleza tomando como ponto de partida das relações que os seres humanos (em Fortaleza – Ceará) estabelecem entre si e o semiárido, relações estas arbitradas por uma dimensão de caráter socioeconômico, tecnológico e simbólico que suscita uma noção de maritimidade particular ao Ceará, e que, em virtude da adoção de geoestratégias específicas de organização dos espaços semiáridos do Nordeste, explicitado no fenômeno de valorização dos espaços litorâneos cearenses, ocorre à transformação dessa área e de seu entorno, em áreas de extremas modificações com relação aos seus usos e formas de ocupação, baseadas em novas práticas marítimas associadas ao lazer e ao turismo.

Nessa perspectiva de assimilação da maritimidade e os banhos de mar passando a ser utilizados para fins terapêuticos, e, posteriormente, a visão do mar como área privilegiada pela especulação imobiliária para lazer e habitação, originou-se a expansão desse movimento de valorização do mar para o restante do litoral, como afirma Dantas.

O veraneio ocupa inicialmente as praias vizinhas de Fortaleza, notadamente, a do Icarai, e de Cumbuco, em Caucaia, e a praia do Iguape, em Aquiraz (...). Os veranistas podem apropriar-se das praias por meio da construção de residências secundárias, a princípio para as classes abastadas e posteriormente para as classes médias. A construção de lugares de consumo nas zonas de praia implica a adoção de lógica contrária ao modo de vida dos pescadores, explicitando novos embates e conflitos no litoral. (DANTAS, 2002, p. 78-80).

É importante enfatizar que as relações que os moradores dessas comunidades pesqueiras estabelecem com o mar se dão de forma diferenciada da lógica de ocupação percebida nas cidades. A comunidade que se utiliza do mar e de seus arredores enquanto espaço de vivência, também o utiliza como espaço de trabalho e de sustentabilidade de sua organização familiar.

O confronto desse ritmo de vida e de trabalho, baseado principalmente na pesca artesanal, complementada pela produção agrícola, se vê às voltas com a introdução de agentes externos às suas práticas cotidianas, como a pesca predatória do peixe e da lagosta, através de instrumentos como a rede de arrasto e o aparelho compressor, o que gera uma nova lógica de trabalho, uma vez que, os recursos naturais da pesca, passíveis de esgotamento devido a essa pesca indiscriminada, realizada por barcos de grande porte, em sua maioria motorizada e sem fiscalização regulamentar, não são suficientes para atender a demanda de trabalho dentro da própria comunidade, o que ocasiona a diversificação de atividades e de fontes de renda para o

pescador agora também barraqueiro, pedreiro ou, ainda, produzindo artesanato com fins comerciais ou usando até mesmo suas casas como fonte de renda, alugando-as nos fins de semana para turistas eventuais.

Aliada a essas modificações dos meios de produção do homem do mar, há ainda a introdução da especulação imobiliária como outra forma de conflitos, se colocando como um desses agentes externos transformadores desse ritmo de vida e de trabalho.

A consequência foi o confronto das comunidades litorâneas pesqueiras com empresas e especuladores imobiliários, dispostos a transformar a zona costeira, predominantemente marcada pela prática da pesca artesanal, em área de casas de veraneio e hotéis voltados para o turismo de exploração.

Desde a década de 80 pode-se perceber os embates que as comunidades costeiras vêm sofrendo como afirma Lima:

A disputa pela posse dos terrenos de marinha no litoral cearense, nas últimas décadas, é a raiz dos conflitos entre moradores das comunidades pesqueiras marítimas versus grileiros de terras ⁸. (LIMA, 2002, p. 90)

Em Balbino, as primeiras situações de conflito também se dão nesse período, quando a comunidade se vê ameaçada por ações envolvendo grileiros, especuladores e empreendedores turísticos.

É baseado no estudo da história da comunidade de Balbino que pretendemos desenvolver na proposta pedagógica da pesquisa o entendimento sobre conceitos como desenvolvimento, valores humanos, sustentabilidade, desigualdade e justiça ambiental. A dimensão de justiça ambiental, segundo Layrargues (2009), se configura através dos conflitos socioambientais:

Fala-se de risco e vulnerabilidade ambiental aos quais determinados grupos sociais são submetidos, quando suas condições de vida ou de trabalho são ameaçadas em função da degradação ambiental, que por sua vez provoca conflitos socioambientais polarizados entre sujeitos sociais que se beneficiam da geração de riqueza a partir da exploração dos recursos naturais, demandando então, justiça ambiental, para que coletividades que normalmente já se encontram em condições de vulnerabilidade social, econômica e política, também não se encontrem em condição de vulnerabilidade ambiental. (LAYRARGUES, 2009, p. 17)

⁸ Lima, Maria do Céu. **Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará: Território, costumes e conflitos** tese de doutorado, São Paulo, 2002.

Os relatos das primeiras situações passam a ser denunciados pelos moradores desde 1986, através de instituições e reportagens, como a do jornal **O povo**:

Uma comissão de trabalhadores rurais, residentes na localidade de Balbino, distrito de Caponga, em Cascavel, esteve no “O Povo” para denunciar que suas casas e plantações foram destruídas. De acordo com declarações de Luis Quirino da Silva, um dos moradores da área atingida, o fato ocorreu “a mando de Rui Caminha Barbosa Júnior e Ticiane Caminha Fiúza que há pouco tempo se apresentaram como proprietários, usando escrituras falsas”⁹.

Em 1987 ocorre um dos mais marcantes conflitos, quando o proprietário da imobiliária IWA, Rui Caminha, tendo em mãos uma escritura das terras intitulou-se proprietário das mesmas, e, acompanhado de homens armados, invadiu a comunidade na tentativa de coagir e expulsar os moradores, incendiando inclusive algumas casas, como relata a reportagem do jornal **O Povo**, sobre a punição dos policiais envolvidos:

Os policiais civis em questão, na manhã de quarta-feira passada invadiram a localidade de Balbino, em Cascavel, e queimaram quatro casas, além de terem ameaçado os moradores de prisão. Fortemente armados e portando até escopeta, intimidaram os moradores do povoado dando tiros para cima e para os lados, não deixando nem que os moradores se aproximassem do local, algumas pessoas que esboçaram reação tiveram as armas dos policiais encostadas em seus corpos.¹⁰

2.3 Áreas de impactos

Outro conflito que pode ser citado ocorre já na década de 90, com o mesmo Rui Caminha que, realizando a utilização desordenada dos recursos naturais da comunidade, como o fechamento da barra da praia, o assoreamento do mangue e também de um dos reservatórios de água da comunidade denominado Lagoa Seca, utilizou produtos químicos na água, provocando seu escurecimento, a mortandade dos peixes e doenças de pele na população. Como pode ser visto em entrevista do jornal **O Povo** com o então presidente da associação de moradores Francisco Pedro Faustino:

A lagoa Seca ajudava no sustento das famílias dos pescadores do lugar, tamanha era a quantidade de peixes em suas águas. Também era local de lazer da comunidade (...) todos esses benefícios acabaram quando o empresário Rui Caminha, proprietário do hotel Village Barra Mar iniciou a implantação de um projeto no local objetivando

⁹ Fundação Demócrito Rocha, Jornal **O Povo**, Fortaleza, 11 de outubro de 1986.

¹⁰ Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Jornal **O Povo**, Fortaleza, 31 de julho de 1987.

trazer seus hospedes para se divertirem na área. Foi colocado um produto na água pra ficar verde, azul, amarela, e, a partir disso, a lagoa morreu.¹¹

2.4 Ações coletivas e a APA de Balbino

Após anos de conflitos, finalmente, em 1997, o povo da comunidade em ação conjunta e através da associação dos moradores, conquistou na justiça o direito a posse das terras e a transformação da comunidade em área de proteção ambiental.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece em seu Artigo 23 que é competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, proteger seus acervos históricos e culturais bem como os monumentos e paisagens naturais, os sítios arqueológicos, a proteção ao meio ambiente e combate a poluição em quaisquer de suas formas, além da preservação das florestas, da fauna e da flora.

As Unidades de Conservação foram estabelecidas pela instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação com a lei nº 9.985/00 da Constituição Federal. Estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão de Unidades de Conservação, entendendo-se Unidades de Conservação enquanto espaço territorial e seus recursos naturais relevantes, legalmente instituídas pelo poder público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

A área de proteção ambiental por sua vez é uma unidade de conservação do meio ambiente de uso sustentável, em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e bem estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais, sendo constituída de terras públicas e privadas.

A APA de Balbino foi legalizada com a lei nº 497, de 21 de setembro de 1988, em seu Artigo 2º dispõe sobre a criação da área onde “o objetivo é a preservação da área, do povoado, com a finalidade de proteger, conservar e melhorar o meio ambiente, mantendo o seu

¹¹ Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Jornal **O Povo**, Fortaleza, 05 de junho de 2001.

ecossistema natural, para conservação de sua fauna e flora e do seu valor histórico e paisagístico.”

Na lei nº 662/93, de 23 de julho de 1993, o então prefeito de Cascavel, Francisco das Chagas Alves, sanciona e promulga a delimitação da área e os objetivos de implantação da área de proteção.

Artigo 02 da lei nº 662/93: A criação da Unidade de Proteção Ambiental que se refere a presente lei, além de possibilitar às comunidades nativas o exercício de suas atividades dentro dos padrões culturais definidos historicamente tem como objetivos específicos: I – Proteger e preservar a unidade social da comunidade de Balbino através da atuação de sua associação de moradores. II – Proteger e preservar ecossistemas representativos da área, a exemplo de paleo dunas, dunas fixas e móveis. III – Proteger e preservar o manguezal em toda a sua extensão IV – Proteger e preservar formações geológicas de grande potencial paisagístico e científico V – Proteger e preservar os recursos hídricos (...) VI – Proteger e preservar as espécies vegetais e animais e VII – Promover a execução de projetos, programas e atividades que revertam uma melhoria de qualidade de vida da população nativa.

O Artigo 4º da lei 662/93 inciso IV reitera que ficam proibidas ou restritas, a critério da prefeitura municipal de Cascavel, ouvida a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE), a execução ou implantação de obras, atividades e empreendimentos capazes de descaracterizar o padrão cultural ou paisagístico da área.

Apesar do estabelecimento da área de proteção ambiental, os conflitos pela posse das terras da comunidade de Balbino tiveram continuidade, a especulação imobiliária e o processo de expansão da valorização das terras litorâneas cearenses pelo turismo de exploração proporcionaram o estabelecimento de um novo conflito com a instalação de um *resort*, que pretende ser construído entre a área de proteção ambiental de Balbino e a reserva extrativista de Batoque, área pertencente à associação de moradores de Balbino.

2.5 Surgimentos de novos conflitos.

Atualmente, Balbino se encontra novamente enfrentando problemas com relação à terra, dessa vez com o projeto de instalação de um *resort*, um hotel de grande porte, denominado inicialmente como *Balbino Beach e Resort*. Devido a dificuldades de aprovação do Estudo de Impacto Ambiental/Relatório de Impactos Ambientais (EIA/RIMA) pela SEMACE, foi reformulado e denominado de *Aqua Pura*, cujo projeto de aprovação está transitando na SEMACE. Esse empreendimento é proposto por parte de um grupo de

empresários portugueses que pretendem se estabelecer nos arredores do povoado, dividindo opiniões entre a população e até mesmo dentro da associação de moradores, onde alguns apóiam o projeto de construção por acreditar que o resort vai trazer desenvolvimento econômico para a região, posto que, vivem basicamente da pesca artesanal, de atividades ligadas à produção de artesanato, ou alugando as casas dos próprios moradores nos fins de semana.

Nessa dimensão, percebemos a busca por recursos para garantir melhores condições de vida, transformada em embate na medida em que os diversos grupos vão se apropriando do ambiente.

O ambiente se constitui como um território conflituoso, (...) os conflitos emergem a partir do momento em que a utilização dos recursos de certos grupos concorre com outros grupos, afetando a reprodução social de condições de existência. (Loureiro, 2009, p. 104-105)

Outros, por sua vez, preocupam-se com as transformações sociais do lugar e de como esse empreendimento pode alterar o ritmo de vida, de trabalho, os costumes e a própria sociabilidade dentro da comunidade.

Percebe-se visto dessa perspectiva, a emergência de novos conflitos:

Os impactos socioambientais provenientes da implantação de empreendimentos que expressam objetivamente as contradições do modo de produção capitalista têm-se legitimado por meio de uma retórica baseada na *doxa* desenvolvimentista, em que uma suposta redenção a pobreza e exclusão social se daria pela mera geração de empregos e divisas, acompanhada de políticas de mitigação e compensação ambiental. Acontece que os supostos benefícios disseminados pela ortodoxia encontram divergências com outras formas de apropriação do território. (...) É nesse contexto que podemos afirmar que os conflitos emergem, pois a entrada de um agente estranho e sem o aval local pode descaracterizar um ambiente historicamente construído, o qual é território de constituição de identidades. (LOUREIRO, 2009, p. 110)

2.6 Caracterização Geo-ambiental.

A caracterização geo-ambiental de Balbino se configura por seus elementos de paisagem, incorporando as características relacionadas à zona costeira do estado e apresentando elementos específicos.

De acordo com Bertrand (1969), a paisagem encerra o resultado da combinação dinâmica e instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos, que reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem dessa paisagem um conjunto único e indissociável (...).

O documento elaborado pela Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) denominado “A zona costeira do Ceará: Compartimentação Geoambiental e Antropismo” argumenta que paisagem assume um significado para a delimitação das subunidades, e que o diagnóstico Geo-ambiental tem como objetivo caracterizar os sistemas físico-naturais que compõem a zona costeira do estado do Ceará, de forma que para compreender a configuração da área de Balbino é necessário analisar sua composição, potencialidades e limitações, de acordo com o estudo de documentos e relatórios referentes à área de pesquisa.

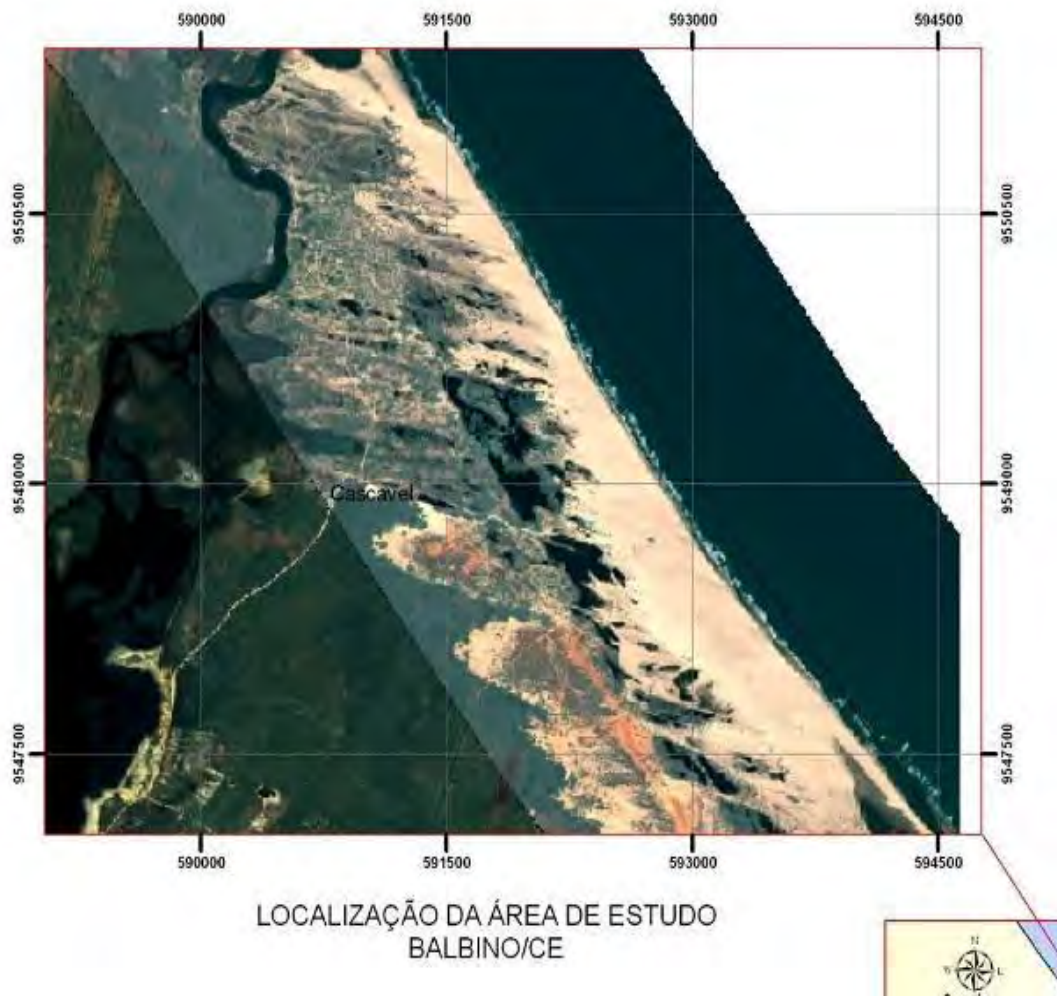
Balbino abrange uma faixa de praia de aproximadamente 3 km, sendo então ao norte, a faixa de praia, ao sul, um campo de dunas fixas e semifixas, a oeste, o Rio Mupeba, e a leste, a área residencial de Caponga, a área total engloba aproximadamente 245 hectares de terra.

A caracterização geo-ambiental da localidade se divide mais ou menos assim: O mar, a faixa de praia, a planície fluvio-marinha (manguezal), o campo de dunas e o tabuleiro pré-litorâneo¹².

Nessa perspectiva, podemos analisar as subunidades que constituem a caracterização de Balbino.

¹² Instituto Terramar e departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, **Projeto Iniciativas para uma gestão costeira sustentável, uso e ocupação da terra por comunidades tradicionais da zona costeira do Ceará**, trecho do relatório referente à comunidade de Balbino, Fortaleza, 2003.

Figura 08 - Setor de Geoprocessamento



Fonte: SEMACE.

Segundo o EIA/RIMA do empreendimento Balbino Beach Resort da SEMACE, a paisagem na região é constituída por um conjunto de ecossistemas que compõem ambientes naturais e outros com antropização, identificando os aspectos bióticos, esses ecossistemas podem ser divididos em dois grandes grupos: O ecossistema aquático, que compreende o mar litorâneo, o ambiente lótico (rio, riacho), o ambiente lêntico (lagoas interdunares), ambiente flúvio-marinho (manguezal) e o ecossistema terrestre composto por vegetação ribeirinha, caatinga, complexo vegetacional da zona litorânea, vegetação pioneira litorânea, que se divide em vegetação de dunas e vegetação sub-perenifólia de tabuleiro, e os campos antrópicos.

Os recursos hídricos podem ser divididos em águas superficiais, com rios, riachos, córregos e lagoas, oceânicas, tendo como principais características elevada salinidade e temperatura definida entre 25 e 30 °C estão dispostas por toda a costa e em movimento

continuo, e subterrâneas, onde se constata uma reduzida possibilidade de existência de águas doces no subsolo, trata-se de uma área já dominada pela cunha salina.

Os solos da região são principalmente os argissolos, associados aos tabuleiros pré-litorâneos, os neossolos, associados às dunas móveis e encontrados na planície litorânea e planície fluvial, os organossolos, encontrados nas planícies litorâneas e fluviais, os gleissolos, encontrados na planície litorânea e os planossolos, desenvolvidos em planícies fluviais.

Em razão das adversidades do ambiente (ventos fortes, intensa radiação solar) e pelo alto teor da salinidade na proximidade do mar, a cobertura vegetal herbácea é pouco significativa. Essa cobertura existente tem a função de estabilizar sedimentos arenosos. Nas praias, a vegetação, quando ocorre, é definida pela existência das espécies pioneiras características, devido ao baixo índice de fertilidade dos solos e também ao deslocamento natural das areias praias ou ainda em função da cobertura por águas salgadas sazonalmente. Temos como exemplo das plantas que toleram viver na areia, as chamadas psanófila-halófitas, espécie de capim da praia, vassourinha de botão ou pinheiro da praia.

O ecossistema duna possibilita a sobrevivência de uma fauna numerosa e diversificada principalmente de aves, répteis e insetos, além de fornecer recursos vegetais como frutos e madeira que podem ser explorados racionalmente. Fontes de água que surgem das dunas são contribuintes para o funcionamento dos ecossistemas circunvizinhos.

Ainda sobre a flora, há a área de mangue e também os representantes da mata de tabuleiros costeiros.

Após essa breve explanação sobre os aspectos gerais da comunidade, veremos no capítulo seguinte, os conceitos, ideias e autores que darão embasamento à pesquisa, constituindo o referencial teórico da mesma.

3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E HISTÓRIA AMBIENTAL; CONCEITOS E ABORDAGENS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO POPULAR.

"O teatro é uma arma, uma arma muito eficiente, por isso é necessário lutar por ele. Por isso as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo modificam o próprio conceito do que seja o teatro. Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de libertação, para isso é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar". (Augusto Boal)

3.1 Transversalidades entre educação ambiental e educação popular

O referencial teórico desse projeto apresenta caráter interdisciplinar, utilizando embasamento em educação ambiental, história ambiental e arte-educação, especificamente o teatro, como prática pedagógica e metodológica.

Compreendemos o conceito de interdisciplinaridade segundo a concepção utilizada pela autora Carvalho (2008), quando esta observa que a interdisciplinaridade deseja a abertura de um espaço de mediação entre conhecimento e articulação de saberes, no qual as disciplinas estejam em situação de mútua coordenação e cooperação, construindo um marco conceitual e metodológico comum para a compreensão de realidades complexas, representa a intercomunicação entre as disciplinas.

Concordamos com JOSÉ (2008) acerca dos princípios que norteiam as práticas educativas e a relação que envolve educação e arte do fazer pedagógico, no realizar, na criação de ideias e na ação:

O respeito, principal atributo da interdisciplinaridade, denota a valorização do que é específico do ser humano. Quando um ideal de educação se configura em princípio, como o respeito, a solidariedade e o sentimento de pertença a um grupo, aproxima-se do sonho de poder contribuir com uma sociedade mais humana e fraterna, respeitadora da sua própria história de vida e da do outro. Esses ideais só se tornam concretos quando praticados. (...) Nesse sentido e com a mesma preocupação, pode-se olhar com mais atenção para o ensino da arte. Ela sem sombra de dúvida proporciona o despertar do prazer, da alegria, do sentimento, da emoção. (JOSÉ, 2008, p. 94)

Nesse sentido entendemos que a educação deve ir além e apresentar-se como interdisciplinar, constituir-se como uma prática autônoma, crítica e que considere a liberdade

do pensar de seus educandos. Ela também está nas emoções, nas vivências e na realidade cotidiana dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Freire (2006) afirma “que não há educação fora das sociedades humanas e que não há homem no vazio”.

Assim, concordamos com sua educação como prática de liberdade que se mobiliza por uma nova sociedade, que “sendo sujeito de si mesma, tem no homem e no povo sujeitos de sua história, e que, a partir das relações do homem com sua realidade, resultantes de estar com ela, e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor”.

Nessa perspectiva propomos a construção dessa experiência em educação ambiental, referenciando-nos a uma prática educativa que exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética, diálogo, comprometimento e convicção de que, seguindo essa lógica de pensamento voltada para a formação interdisciplinar no processo pedagógico, toda a proposta da pesquisa se fundamenta na construção coletiva que envolve a participação dos diferentes sujeitos da comunidade, pois como afirma Freire (1987): “A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar”.

3.2 Educação Ambiental: História e Fundamentos Teóricos

Desde o início dos movimentos ambientalistas, a educação foi tida como um instrumento indispensável de sensibilização, conscientização, informação e formação das pessoas para a promoção de uma consciência ambiental propícia à mudança de valores, comportamentos e atitudes. Mas foi na primeira grande Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, no ano de 1972, que se reconheceu oficialmente a importância da Educação Ambiental (EA) em trazer assuntos relacionados ao meio ambiente para a população mundial.

Da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Tbilisi, no ano de 1977, foi criado um documento que estabelece os princípios que orientam a EA e destaca seu caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador, abrangendo, assim, os aspectos políticos, sociais, econômicos, científicos, ecológicos, culturais e éticos que integram seu conteúdo.

As Conferências Internacionais sobre Educação Ambiental recomendam que a EA não seja praticada somente nas escolas. Sua promoção deve ser de maneira formal e não formal e através dos meios de comunicação de massa.

A Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas A/RES/57/24, de 21 de fevereiro de 2003, definiu o período de 2005 a 2014 como a Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, ressaltando que a educação é fundamental para se alcançar o desenvolvimento sustentável.

As práticas de sustentabilidade visam a conciliar crescimento econômico, desenvolvimento humano e uso racional dos recursos naturais para atender as necessidades presentes e futuras.

Apesar da difícil tarefa de realizar essa proposta de desenvolvimento que possua equidade de direitos e deveres, de responsabilidades e consequências nas relações homem, sociedade e natureza, essa é a proposta que se configura nas reflexões e ações formuladas pela prática educativa.

Na concepção de educação ambiental que envolve a construção coletiva de ações e práticas educativas transformadoras, faz-se necessário envolver um diálogo de saberes, já que, segundo o autor Guimarães (2005):

A educação ambiental apresenta-se como uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que contemple as aspirações populares de melhor qualidade de vida socioeconômica e um mundo ambientalmente sadio. Aspectos estes que são intrinsecamente complementares; integrando assim educação ambiental e educação popular como consequência da busca da interação em equilíbrio dos aspectos socioeconômicos com o meio ambiente. (GUIMARÃES, 2005, p. 23)

É importante salientar que para o desenvolvimento real da perspectiva em educação ambiental, é necessário incorporar práticas e procedimentos que promovam uma educação crítica atuante e participativa, além de interdisciplinar, como afirma Guimarães (2005):

A Educação ambiental vem sendo definida como eminentemente interdisciplinar orientada para a resolução de problemas sociais. É participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação. É uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania. É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida (GUIMARÃES, 2005, p.28)

Sob esse prisma, FERNANDES (2006) observa:

O saber ambiental conduz a um diálogo de saberes através das quais as diretrizes acadêmicas, as políticas educativas, os métodos pedagógicos e o fortalecimento de potencialidades combinam-se com os aspectos sócio-político e econômico de cada região, para a formação de um saber que reorienta os modelos de apropriação dos recursos naturais e as práticas de desenvolvimento sustentável. FERNANDES (2006, p. 172)

3.3 História Ambiental: Relações: tempo, homem, natureza

Com relação à fundamentação em história, essa pesquisa apresenta embasamento teórico na corrente historiográfica denominada história ambiental, que surge com uma nova perspectiva de abordagem que analisa a história através das relações que o homem estabelece com a natureza e os impactos ambientais originados por esse contato, como a transformação da paisagem e o efeito da ocupação humana sobre o meio ambiente além da forma como essa ocupação é efetivada e como se estabelece a constituição social da região ou localidade do objeto de estudo.

Segundo Woster (1988), a ideia de uma história ambiental começou a surgir na década de 70 do século XX, à medida que sucediam conferências sobre a crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre os cidadãos de vários países. Em outras palavras, ela nasceu numa época de reavaliação e reforma cultural em escala mundial. (...) “Seu objetivo se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”.

Para Woster, a primeira tentativa de definir esse novo campo historiográfico surge a partir do ensaio de Roderick Nash, traduzido como “A situação da história ambiental” e escrito em 1970, mas considera fundamentais as discussões concebidas pelos historiadores ligados à escola dos Annales, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernando Braudel, que faziam do ambiente uma parte preeminente de seus estudos históricos.

Woster relaciona a importância dos trabalhos de Le Roy Ladurie. Em 1974, relata no prefácio de uma edição especial da revista dos Annales o programa de campo de estudos da história ambiental, que para este autor reúne os temas mais antigos com os mais recentes na historiografia contemporânea, afirmava que as pesquisas dessa nova corrente historiográfica

na realidade vinham se desenvolvendo há muito tempo como parte de um movimento que ele denomina “Históire écologique”.

Nessa perspectiva, grande parte da história ambiental se dedica justamente a examinar as mudanças voluntárias ou forçadas, nos modos de subsistência e as suas implicações para as pessoas e para a terra. Woster afirma que o historiador ambiental deve pretender saber que papel a natureza teve na moldagem dos processos produtivos e, inversamente, que impactos esses métodos tiveram na natureza. Diz ainda que o historiador ambiental precisa compreender que a natureza é uma ordem e um processo que nós não criamos, e que ela continuará a existir na nossa ausência. No entanto, observa que a natureza é também criação das nossas mentes e por mais que nos esforcemos para ver o que ela é objetivamente em si mesma, por si mesma e para si mesma, em grande medida caímos presos nas grades da nossa própria consciência e nas nossas redes de significados.

Assim, a história ambiental deve incluir no seu programa o estudo de aspectos de estética e ética, mitos e folclore, literatura e paisagismo, ciência e religião. Deve ir a toda parte onde a mente humana esteve às voltas com o significado da natureza. Partindo dessa dimensão, o referido autor analisa ainda que a história ambiental, na medida em que tenta redefinir a investigação do passado humano, vem retirando subsídios de várias outras disciplinas, das ciências naturais à antropologia. Afirma que cada disciplina pode ter sua tradição, sua maneira particular de abordar questões, mas que, se esta é uma era de interdependência global, certamente é também o momento para alguma cooperação interdisciplinar. Acredita que os historiadores precisam disso, a história ambiental precisa disso e o planeta terra também.

Para compreendermos a importância da análise histórica para a prática pedagógica é importante contextualizá-la na composição de um saber ambiental, entendendo saber ambiental na perspectiva de Leff (2001):

Um saber sobre o ambiente que não é a realidade visível da poluição, mas o conceito da complexidade emergente, onde se reencontra o pensamento e o mundo, a sociedade e a natureza, a biologia e a tecnologia, a vida e a linguagem. Ponto de inflexão da história que induz uma reflexão sobre o mundo atual, do qual emergem as luzes e sombras de um novo saber. De um saber atravessado por estratégias de poder em torno da reapropriação (filosófica, epistemológica, econômica, tecnológica e cultural) da natureza. (LEFF, 2001).

Desse modo, dialogamos com autores como Donald Woster, José Augusto Drummond, Paulo Henrique Martinez e também Rodolfo Teófilo e Thomas Pompeu Sobrinho e Thomas Pompeu de Sousa Brasil, que desde o século XIX, já apresentavam discussões a respeito da preocupação com o meio ambiente e a ação de exploração desordenada do homem sobre seus recursos naturais.

3.4 História Ambiental no Brasil e no Ceará.

Nesse contexto, se dá o encaminhamento desse processo de ensino-aprendizagem, seguindo pressupostos teóricos e de metodologias direcionadas para o desenvolvimento de reflexões críticas sobre a experiência e a prática docente, pois, como afirma Freire (1996), é necessário compreender a prática docente enquanto dimensão social da formação humana. Afirma o autor: “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

A história ambiental no Brasil apresenta embasamento em preocupações com os usos e ocupação do território, dos processos de exploração e extração desenfreada dos recursos naturais. Para o historiador brasileiro Martinez (2006)¹³,

O meio ambiente constitui estimulante porta de entrada para a compreensão de todas as sociedades, e dentro delas, da brasileira, além de conter um valioso potencial para a construção do conhecimento histórico. As problemáticas ambientais trazem embutidas, ainda projetos de ação educativa e para o ensino de história, ambos requeridos para a educação ambiental. Alarga-se o campo de atuação profissional dos historiadores. (MARTINEZ, 2006, p. 23).

Segundo Drummond (1998), uma das características metodológicas do estudo da história ambiental é sua ligação com uma história dita regional, em que há uma linha de pesquisa que se estabelece nos estudos da história de comunidades, para ele, a história ambiental é, portanto, um campo sintetizador de muitas contribuições e cuja prática é inerentemente interdisciplinar. A sua originalidade está na disposição explícita de “colocar a

¹³ Martinez, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil**. Pesquisa e Ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

sociedade na natureza” e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza.

Na obra: *Memória Sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará*, datada de 1859, o autor Thomas Pompeu de Sousa Brasil já apresenta intensa preocupação com a situação da exploração dos recursos naturais, dos desmatamentos e das queimadas no Ceará:

A natureza, e a história ali estão para darem testemunho desta verdade de ordem física (...) os fatos vem em apoio de nossa asserção, de que a destruição das matas e os fogos contínuos em nossos campos hão contribuído para as secas no Ceará, cujo período vai visivelmente diminuindo os poderes públicos cumpre tomar a iniciativa na reforma do estado físico da província já que os particulares não se animam, ou não querem acreditar nos factos que todos os dias caem debaixo de nossos sentidos. (BRASIL, 1859, p. 06)

Em 1962, o historiador Raimundo Girão em sua obra **Pequena História do Ceará**, analisa a exploração dos recursos naturais no estado desde o início do processo de ocupação da região por parte de incursões estrangeiras:

Encontrava-se no litoral do Ceará produtos de interesse comercial que atraíam contrabandistas filibuteiros, franceses, ingleses e neerlandeses, os quais não reconheciam a propriedade de Portugal nas terras do pau Brasil.(...) Constantes eram as suas incursões por esse desprezado litoral a barganharem com os autóctones aqueles produtos naturais (...). Valentes piratas normandos, bem como flamengos, tentavam adquirir as riquezas cearenses: as madeiras, o âmbar, o algodão, as peles silvestres, os pássaros vistosos. (GIRÃO, 1962, p.62).

Percebemos que a prática de uso e exploração desordenada dos recursos naturais tem origem histórica no Brasil e no Ceará. Pretendemos, a partir dessa análise, compreender o interesse de historiadores sobre as problemáticas referentes à questão ambiental no Brasil e no Ceará, em diversos momentos da história.

Abordaremos no capítulo a seguir como se deu o desenvolvimento metodológico da pesquisa, os percursos, técnicas e produções construídas no intuito de criar coletivamente práticas de sustentabilidade e a experiência em educação ambiental realizada em Balbino.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Pesquisa-ação.

A metodologia utilizada para a composição da prática pedagógica se fundamenta na concepção de pesquisa-ação definida por THIOLENT (1998)

A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENT, 1998, p. 14)

Sendo assim, compreendemos que, na pesquisa-ação, os pesquisadores tem um papel ativo fundamental, visto que, devem apresentar uma estreita relação entre estes e a população do local ou situação investigada. A partir dessas ações de caráter prático das atividades coletivas é que podemos fundamentar a metodologia da pesquisa-ação.

Compreendendo os aspectos dessa estratégia metodológica, para o desenvolvimento da pesquisa faz-se necessário definir qual a ação a ser estudada, quais são os seus agentes, seus objetivos e obstáculos e qual a exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação estudada.

Um dos objetivos da pesquisa-ação, definido por Thiollent de caráter instrumental, é desenvolver a consciência coletiva dos agentes implicados na atividade investigada. Através dessa metodologia é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação.

Não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos políticos ou cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta, mesmo quando não vê soluções em curto prazo. (...) O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados. (THIOLENT, 1998, P.19)

O autor analisa também que o papel da metodologia consiste no controle detalhado de cada técnica auxiliar utilizada na pesquisa, a pesquisa-ação definida como método, contém diversos métodos ou técnicas particulares em cada fase ou operação do processo de

investigação, havendo técnicas para coletar e interpretar dados, resolver problemas, organizar ações, etc.

O conceito de pesquisa-ação-participante defendido por Viezzer (2005) compreende que, através de métodos, devemos combinar o conhecimento com a eficácia da transformação e\ou do desenvolvimento social.

Borda (1983) define pesquisa-ação-participante como “Uma metodologia dentro de um processo vivencial, um processo que inclui simultaneamente educação de adultos, pesquisa científica, e ação social ou política e no qual se consideram como fontes de conhecimento, a análise crítica, o diagnóstico de situações e a prática cotidiana”.

Nosso diferencial, no que se refere ao conceito defendido por Borda, é a escolha do grupo de trabalho, sendo este constituído por dezoito adolescentes da comunidade de Balbino, com idades que variam de doze a dezoito anos, onde se construiu coletivamente as experiências ao longo da prática pedagógica. A escolha por essa faixa de idade relaciona-se ao conceito de juventudes, acreditando que esse grupo é bastante representativo nos mais diversos processos de mudanças sociais, e concordando com Deboni (2006) quando este observa:

As tão faladas “gerações do futuro” estão no presente, atuando, intervindo, propondo, criticando, e participando, buscando construir desde o “hoje” e não no “amanhã”, uma plataforma de ações na sua área. E nesse leque de tendências, tipos de organizações, temas de interesse, formas de organização, é possível visualizar as juventudes brasileiras e como cada uma delas tem se envolvido com a discussão da temática ambiental. (DEBONI, 2006, p.48).

Viezzer (2005) identifica que, para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação-participante, faz-se necessário adotar os princípios e valores que apontam para o futuro, situar-se no planeta, passar do paradigma de educador-bancário¹⁴ para o de aprendiz-educador, desenvolver sinergia de interesses entre atores sociais, trabalhar em diferentes níveis de abstração teórica (diferentes formas de observação, de estudo e análise), buscar métodos e técnicas apropriadas, elaborar produtos diversificados (utilizar diferentes linguagens e expressões, diferentes tipos de instrumentos de apoio às ações educativas para os grupos envolvidos), desenvolver relações entre os pesquisadores e grupos das comunidades e

¹⁴ Esse conceito é trabalhado por Paulo Freire em sua obra **Pedagogia da Autonomia**.

por fim realizar a necessária revisão institucional, propondo um diálogo interinstitucional que requer aceitação, diálogo e aprendizagem por parte dos indivíduos que trabalham com essa metodologia, bem como das instituições nas quais eles atuam.

A proposta metodológica da experiência em educação ambiental se constitui de diferentes formas de abordagens buscando a integração e o diálogo de saberes.

4.2 Arte-educação e o teatro como metodologia de ensino.

A escolha do teatro surge como referencial teórico e como recurso metodológico para essa experiência que se apresentou seguindo essa perspectiva de pensamento, pois segundo Boal (1983):

O espectador, ser passivo, é menos que um homem e é necessário re-humanizá-lo, restituir-lhe sua capacidade de ação em toda sua plenitude. Ele deve ser também o sujeito, um ator, em igualdade de condições com os atores, que devem por sua vez, ser também espectadores. Todas as experiências de teatro popular perseguem o mesmo objetivo: a libertação do espectador. (BOAL, 1983, p.180)

O teatro como referência tem o intuito de preparar os sujeitos, atores sociais, para a real ação, de forma a perceber-se enquanto agentes transformadores da dinâmica social que vivenciam deixando, dessa forma, de serem apenas espectadores e transformarem-se em sujeitos críticos e conscientes, capazes e dispostos a lutar em busca de qualidade de vida e de preservação e conservação do meio ambiente de sua comunidade.

4.3 Relações entre o teatro e a natureza

O autor Gois (2008) afirma que as relações do teatro com o meio ambiente fazem parte da sua própria história de formação quando observa:

O teatro primordial nasce da relação do homem com a terra, de uma relação orgânica entre a natureza humana e a biodiversidade dos seres que os circundam. As festas dionisíacas na Grécia antiga, os rituais do estranho Deus da fertilidade, do transe, dos campos, tinham a função simbólica de fecundar o chão e de celebrar mais um tempo de colheita, mais um ciclo da terra. (GOIS, 2008, p.212)

Nas relações com a natureza através dos cultos, associando arte e religião em representações simbólicas com o ambiente, nasce o teatro criador, que é apropriado pelas

classes dominantes nas representações da tragédia grega, separando ator de espectador e estabelecendo papéis, definindo quem deve protagonizar e quem assiste impassível o desenrolar dos acontecimentos.

Essa proposta teatral se modifica e transforma ao longo da história, de acordo com Andrés (1977) “A arte e o teatro tiveram sua origem na pré-história, quando os primeiros homens se reuniam em torno do fogo, interpretando as atitudes e os gritos dos animais, a fim de assegurar o sucesso de suas caçadas. Usando máscaras, cantando e dançando, procuravam controlar as forças da natureza” até a sua proposta educativa atuante e transformadora na figura do teatro do oprimido, proposto pelo autor Augusto Boal, que em suas experiências de teatro na América latina, vai estabelecendo conexões entre as reflexões, as palavras e as ações nas realidades que a configuram.

4.4 O teatro do oprimido: Augusto Boal e o teatro popular

Boal afirma em sua obra **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas** que todo teatro é necessariamente político porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas. Desta forma, compreende que o domínio de novas linguagens oferece a pessoa uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir aos demais esse conhecimento. Revela que cada linguagem é insubstituível e que todas as linguagens se complementam no mais perfeito e mais amplo conhecimento do real. Ou seja, a realidade é mais perfeitamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la.

4.5 Fontes e Linguagens

Iniciamos a experiência com a pesquisa exploratória, retornando à comunidade de Balbino em março de 2009, em busca de alternativas para desenvolver a prática. Procuramos a escola da comunidade e apresentamos a proposta de desenvolvimento da experiência em educação ambiental para o corpo docente da mesma, representado na ocasião pela figura da diretora Emanoela e da professora Camila, que se mostraram bastante dispostas na aceitação, acompanhamento e participação da proposta pedagógica.

No entanto, nesse período a escola passava por uma situação muito adversa, devido à falta de condição estrutural, estava fechada e os alunos estavam sem acesso às aulas, havia o perigo eminente de desmoronamento de parte do teto de alguns espaços das salas de aula, fato motivado pelo excesso de chuvas que então assolavam a região e impossibilitava o início da experiência naquele momento.

As dificuldades pelas quais a escola passa evidencia a precariedade que a caracteriza. A Escola Municipal de Balbino possui uma estrutura que conta com seis salas de aula, uma sala que funciona como secretaria, sala dos professores e direção ao mesmo tempo, uma cozinha e um banheiro masculino e um feminino, a sua parte interna se compõe das salas, de um pátio em forma circular com chão batido de areia ao redor, e uma pequena horta que está disposta próximo da entrada das salas em frente à cozinha. As salas têm estrutura precária, algumas cadeiras de madeira e quadros de lousa de giz, bastante desgastados, tem também uma pequena biblioteca, entre algumas das salas de aula.

Retornei os contatos com a direção da escola em 25 de Abril, a partir da resolução do problema e reinício das aulas, é importante salientar que a situação da escola de Balbino por muitas vezes mostrou-se bastante precária, apesar dos esforços contínuos da direção da escola em conseguir recursos junto à Secretaria de Educação de Cascavel, de forma que em diversos momentos pude presenciar a carência de suprimentos básicos às necessidades dos estudantes, por exemplo, o bebedouro, que por muito tempo esteve quebrado, de forma que os alunos tinham que trazer água de suas casas para saciar sua sede, apesar dos inúmeros ofícios enviados com o intuito de resolver o problema em questão.

O mês de abril e boa parte do mês de maio foram utilizados no planejamento e divulgação do curso, que resolvemos denominar de Meio Ambiente, História, Educação e Arte: Os caminhos do Homem na Natureza. Realizamos nesse período a revisão bibliográfica e parte da pesquisa documental e das fontes como: Jornais **O Povo**, documentos e relatórios da associação de moradores do Balbino e dos cartórios da cidade de Cascavel, Biblioteca Pública Menezes Pimentel, SEMACE, e Programa de Educação Tutorial (PET)-História-UFC.

Também estabelecemos esse prazo para dar início às atividades para atender as necessidades da escola, que se encontrava com seu ritmo de aulas atrasado devido aos problemas já citados anteriormente.

Em 30 de maio foi realizado o primeiro encontro com os estudantes, no qual foi apresentado o curso, que teve como proposta a realização de encontros quinzenais quando desenvolveríamos atividades, oficinas, pesquisas em campo, e finalizaríamos a prática com uma produção cênica construída a partir das experiências vivenciadas através do tema transversal proposto.

Da formação desse grupo é que fomos construindo a experiência. O diálogo de saberes foi efetivado através da realização de aulas teóricas e práticas, compostas por oficinas de arte-educação, utilizando linguagens como a história, o cinema, a literatura, a música, e exercícios de formação teatral, bem como a pesquisa em campo, com a finalidade de refletir sobre as relações homem, sociedade e natureza no contexto da comunidade de Balbino e suas interações com o mundo.

Figura 09 - Sala de aula da escola de Balbino



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Demos início às reflexões a partir da oficina intitulada “História e Memória” na qual pretendemos analisar a história de Balbino, partindo de uma história individual dos alunos para se chegar a uma história coletiva da comunidade. A proposta pedagógica teve como objetivos construir coletivamente estudos e pesquisas sobre a história local da comunidade, percebendo os saberes, as práticas culturais, as problemáticas vivenciadas, as formas de organização e as relações que compõem o seu patrimônio, na perspectiva de construção de uma proposta de ensino-aprendizagem que envolva as várias formas de se perceber e fazer a

história, os diversos sujeitos, as relações sociais, as linguagens da história, os conceitos de memória, reconhecimento e construção coletiva.

Moro perto da Lagoa Seca, e gosto muito de tomar banho lá. O que eu mais gosto é de ficar perto da minha família. Estudo no colégio de Balbino, e vou pra lagoa quase todos os dias. Gosto de pular corda com minhas irmãs e amigas e também gosto muito de ler, porque lendo a gente aprende vários conhecimentos como a arte. (Clauciane, 13 anos).

Esse é um dos relatos construídos na oficina que realizamos através de uma atividade denominada “Escritas de Si”. Essa atividade tem como objetivo perceber e refletir sobre as diferentes histórias vivenciadas pelos moradores, e de como estes, apesar de ter suas individualidades, suas origens, relações e perspectivas diferenciadas, compõem a história coletiva da comunidade, formando um conjunto que se unifica e tem força de mobilização.

Os relatos expressam a relação dos adolescentes com a natureza a partir dos usos que fazem dos espaços como área de lazer, apresentando um sentimento de pertencimento e sensibilidade sobre as relações de amor e harmonia familiar, além da importância da leitura para a ampliação de seus conhecimentos, enfatizando o da arte.

Essa atividade tem como base as discussões de Souza (2007), que afirma:

A abordagem experiencial, a partir do trabalho com as histórias de vida ou com as biografias educativas, configura-se como um processo de conhecimento. Um conhecimento de si, das relações que se estabelece com o seu processo formativo e com as aprendizagens construídas ao longo da vida. Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade. A centralidade do sujeito no processo de investigação-formação sublinha a importância entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA, 2007, p.39).

Em outro relato percebemos o conhecimento acerca da história da comunidade e a referência à liderança do movimento comunitário, D. Francisca, além da sabedoria sobre histórias e lendas de Balbino, a estudante observa ainda seu papel como sujeito dessa história:

Vou contar minha história pra vocês. Minha mãe morava no Pratiús, ela se juntou com meu pai e tiveram eu e minha irmã. Moramos no Balbino, belo com suas belas e elegantes histórias e paisagens. Os mais velhos contam que o Morro Branco é encantado, que lá já apareceu sereia, navio e tudo isso dentro de um rio! Mais embaixo onde se chama Barreiro a água do rio é salgada por causa do mar, a correnteza vem da barra quando está enchendo. Tem também a Lagoa Seca, onde a muito tempo um homem quis ficar com as nossas riquezas pra ele, ele queria montar uma barraca. Mas, a bela e corajosa D. Francisca junto com outros moradores impediram, e essa é uma parte da história de Balbino e da minha também. (Beatriz, 13 anos).

A partir da observação crítica dessa comunidade produtora de histórias e ações coletivas propomos percebê-las e analisá-las criticamente, dentro do contexto de ocupação do litoral cearense, de sua configuração enquanto comunidade pesqueira marítima.

Segundo Sobrinho (1955), a ocupação do litoral cearense se origina do elemento indígena, através de cinco correntes migratórias, estabelecido acerca de 4 a 3 mil anos a.C, e que constitui diversos grupos étnico-culturais ou famílias lingüísticas, isto é, de linguagens ou dialetos comuns. Para o autor, esses grupos ou famílias se estabelecem em todo o território cearense, na margem dos rios e mananciais ao longo da costa.

A partir dessas reflexões, pretendemos compreender o fato da comunidade se auto-reconhecer enquanto descendentes de um grupo indígena não identificado de nome “Mupebas”, o mesmo nome do rio que cruza a comunidade. A comunidade também reconhece ter origem de negros fugidos de fazendas das proximidades da região, história esta representada na criação de uma peça denominada “Balbino em Chamas”, criada e encenada no período dos primeiros conflitos, o que denota a anterior utilização da arte teatral como significativa nos processos de mobilização da comunidade.

Continuando as discussões, analisamos o espaço dos grupos indígenas na atualidade, comparando a sua problemática desde o período pré-colonial através do estudo de um mapa, até as situações de conflitos jurídicos pela posse das terras indígenas no estado do Ceará na contemporaneidade. Dando prosseguimento a essa proposta de reflexões, discutimos os embates e as diversas formas de resistência criadas pelas comunidades indígenas para analisarmos os conceitos de dominação, resistência, reconhecimento e memória coletiva, problematizando essas concepções com o entendimento de que, nas relações que se estabelecem ao longo da história, há grupos que sofrem processos de transformações, rupturas e permanências, e questionando dessa forma, que ações podem ser desenvolvidas para organizar processos de resistências, percebendo as relações de poder no nosso cotidiano.

Associado a esses debates, realizamos questionamentos acerca do que viria a ser na concepção dos estudantes, o estudo sobre as relações homem, sociedade e natureza na história, e o que os estudantes compreendem sobre o que viria a ser educação ambiental.

Continuando as reflexões a cerca dos processos históricos, pretendemos analisar como se dão as relações entre o homem e o mar, através das mudanças de comportamento e mentalidades, contextualizando o território cearense e a lógica diferenciada de uso e ocupação realizados nos núcleos urbanos e nas comunidades pesqueiras marítimas, e, em seguida, estudamos o avanço do processo de valorização do mar na capital Fortaleza e no restante do litoral cearense, percebendo como o crescimento das cidades e o conseqüente processo de urbanização sofrido pelas mesmas leva a processos de degradação ambiental e exclusão social.

Observamos as transformações e disputas do litoral pela indústria do turismo, dando enfoque às lutas comunitárias de outras localidades praieiras, como Batoque, Prainha do Canto Verde e Redonda, enfatizando a luta pela posse de terras não se dá somente em Balbino, e possibilitando a percepção de que, com a união e força conjunta é possível dar continuidade à resistência ao processo de ocupação do litoral pelos especuladores imobiliários ou compreender como este se estabelece.

Pretendemos analisar também as perspectivas de mudanças do cotidiano e das relações sociais e de trabalho das localidades onde o turismo de exploração predomina.

Prosseguindo a pesquisa analisamos a atividade pesqueira, o processo da pesca industrial, e da pesca artesanal, identificando as condições das comunidades pesqueiras tradicionais diante desse embate e a diversificação das atividades e fontes de renda do pescador. Pretendemos, a partir desse enfoque, perceber as relações de trabalho e a especialização do pescador diante da crise do setor pesqueiro, ocasionado pela pesca indiscriminada ou predatória.

Para realizarmos essa pesquisa nos referenciamos nas obras **Vilas de Índios no Ceará Grande**, de Silva (2005), **Pré História Cearense**, de Sobrinho (1955), **Comunidades Pesqueiras Marítimas no Ceará – Territórios, Costumes e Conflitos**, de Lima (2002), **Mar à Vista**”, de Dantas (2002), **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**, Diegues (1983), além de fontes hemerográficas e outras fontes de pesquisa.

Essa abordagem histórica que percebe as transformações, os impactos ambientais e as relações que o homem estabelece com o meio em que vive, é fundamental para referenciar a experiência que se configura através do diálogo de saberes e das diversas linguagens as quais nos propomos trabalhar.

Outra oficina realizada foi a de Cinema, com a apresentação e debate dos filmes “Um dia depois de amanhã”, “Narradores de Javé” e “Ilha das Flores”, com o intuito de discutir criticamente conceitos de Impactos ambientais, Memória e Patrimônio, Desenvolvimento e Qualidade de Vida e tentar analisar a história de Balbino, suas lutas, transformações e impactos sofridos e pensar também de que forma devem se posicionar diante da perspectiva de novos impactos.

Figura 10 - Oficina de Cinema



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Desenvolvemos também uma oficina de Literatura sobre educação ambiental que teve como objetivo possibilitar a compreensão da educação ambiental a partir de referências bibliográficas sobre o tema no texto de Reigota (2004): “O que é Educação ambiental?”, em que analisa a ação política que envolve a aprendizagem da educação ambiental, seus conceitos, abordagens e força de mobilização.

Analisamos ainda o texto “Racismo Ambiental”, de Acelrad (2000), no qual contextualizamos Balbino e sua reconhecida luta pela posse de suas terras dentro de um enredo de especulação imobiliária que é comum à grande parte do litoral cearense. Aí, percebemos os conflitos ambientais entre as comunidades que sofrem os impactos e os agentes externos que propiciam esses conflitos, numa relação desigual de benefícios, e distribuição dos impactos que sofrem essas comunidades.

Outra oficina desenvolvida, denominada Fontes e Linguagens, referencia a pesquisa e análise de fontes hemerográficas, principalmente do jornal **O Povo** desde o ano de 1986, quando começaram a ser noticiados os conflitos em Balbino, até o ano de 2009. Percebendo o olhar da mídia sobre a comunidade, os conflitos pela posse de terra, os impactos sofridos nas unidades geoambientais da comunidade, além de relatos de moradores e outras formas de mobilização como as expressões artístico-culturais e também políticas.

Figura 11 - Reportagem do jornal **O Povo**, 1987



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Com esse intuito, analisamos reportagens, entrevistas, poesias e a produção de artigos como utensílios produzidos como artesanato, utilizando o coco como matéria prima.

Figura 12 - Reportagem do jornal **O povo**, 1997



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Dando continuidade a essa construção metodológica, outra oficina realizada consistiu em visitas aos lugares representativos para a comunidade. Patrimônios ambientais citados pelo grupo de pesquisa.

Figura 13 - Aula de campo com grupo de adolescentes



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Iniciamos o percurso partindo da barra da faixa de praia, lugar onde ocorreu um dos primeiros e mais importantes impactos sofridos. Em 1987 o mangue foi aterrado em sua

extensão e profundidade por ação da imobiliária IWA, envolvida nos conflitos pela posse das terras, com o intuito de destruir o mangue de Balbino, diminuindo a qualidade de vida de seus moradores, tendo a intenção de tornar inviável a sustentabilidade das famílias que dali retiravam suas fontes de subsistência, e conseqüentemente, a continuidade da ocupação do espaço.

Figura 14 - Barra da praia



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Outro local representativo visitado foi o buraco da gasolina, Lagoa interdunar bem próximo à barra da faixa de praia onde, segundo relatos dos moradores, um dos tratores responsável pelo aterramento ficou preso e, portanto, impossibilitado de continuar com o processo de destruição da barra.

Figura 15 - Buraco da gasolina



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Dando continuidade a essa proposta pedagógica, outro local escolhido pelos estudantes foi a Lagoa Seca. No ano de 1997, a mesma imobiliária envolvida nos conflitos anteriores mandou realizar a construção de ilhas artificiais na lagoa, realizou um processo de dragagem e despejou em suas águas uma série de produtos químicos, como consequência houve a descaracterização do reservatório de água, a mortandade dos peixes e o aparecimento de doenças de pele na população que se utilizava da Lagoa Seca para atividades de pesca, extrativismo e lazer.

Figura 16 - Lagoa Seca



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Outra oficina realizada foi a de música. Estudamos os conceitos de desenvolvimento, equidade e qualidade de vida através da análise e interpretação das músicas “Comida”, do grupo Titãs, e da música “Quando o sol Bater na janela do seu quarto”, do grupo Legião Urbana. O intuito era compreender as necessidades humanas, não somente as biológicas, mas também as culturais, sociais e as políticas, bem como de percebermos a importância de nosso papel de sujeitos sociais que tem força de mobilização, e que podemos desenvolver o papel de protagonistas de nossas próprias histórias. Bittencourt (2004) analisa o uso da música no fazer pedagógico:

O uso da música é importante por situar os jovens diante de um meio de comunicação próximo de sua vivência, mediante o qual o professor pode identificar o gosto, a estética da nova geração (...). Se existe certa facilidade em usar a música para despertar interesse, o problema que se apresenta é transformá-la em objeto de investigação. Ouvir música é um prazer, um momento de diversão, de lazer, o qual, ao entrar na sala de aula, se transforma em uma ação intelectual. Existe uma enorme diferença entre ouvir música e pensar a música. (BITTENCOURT, 2004, p. 379).

É importante enfatizar que concomitantemente às atividades e oficinas realizadas com o grupo que passou a ser chamado de “Meio ambiente, educação e arte: Os caminhos do homem na natureza”, os adolescentes envolvidos nas aulas de educação ambiental passaram a se mobilizar, organizando ações ou participando dos eventos representativos na comunidade.

Um desses eventos foi a semana cultural da escola, eles mesmos organizaram a apresentação da exposição das reportagens dos jornais sobre Balbino e desenvolveram ações para gerar renda com reaproveitamento de materiais, um brechó, para a venda de roupas e acessórios usados ou uma barraca de alimentos feitos com restos e sobras reutilizadas em doces ou sobremesas.

A intenção era financiar a festa de conclusão do Ensino Fundamental, do 9º ano da escola, e é importante enfatizar, esta foi a última festa de 9º ano da escola, porque a mesma não atende mais a comunidade escolar no nível de Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano, devido à carência de recursos e à redução da demanda de estudantes para essa modalidade de ensino. Os estudantes que não tem mais acesso às aulas na escola da comunidade são obrigados a se deslocar pelo menos quatro quilômetros até a comunidade de Caponga, a mais próxima da região a ter escolas de ensino fundamental e médio.

Figura 17 - Brechó organizado pelos estudantes na semana cultural



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Outra ação desenvolvida foi a oficina de reaproveitamento de roupas e utensílios, conserto e customização das roupas vendidas no brechó. As roupas que não foram vendidas foram doadas em uma área carente da comunidade, próximo à escola, chamada de “rua da pulga”.

A partir do desenvolvimento dessas práticas fomos construindo a experiência e nossa forma de apresentar a comunidade o que estava sendo realizado deu-se através da produção de um festival de artes e da apresentação da produção cênica criada pelo grupo de estudos. É o que veremos no capítulo a seguir.

5. O ESPETÁCULO: PRODUÇÃO CÊNICA, RESULTADOS PARA A COMUNIDADE.

5.1 A produção cênica. Criação, montagem, apresentação.

As oficinas que compuseram a proposta metodológica ocorreram concomitantemente com o estudo do teatro e a utilização de suas metodologias, principalmente a partir de exercícios e jogos propostos pelo autor Augusto Boal na sua obra *Jogos para Atores e Não-Atores* (2009).

Figura 18 - Exercício de leitura para ensaio



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Esses exercícios podem ser utilizados dentro das etapas que o autor estabelece como plano geral da conversão do espectador em ator, dividido em quatro etapas: o conhecimento do corpo, tornar o corpo expressivo, o teatro como linguagem, o teatro como discurso.

O teatro do oprimido se referencia numa perspectiva de transformação social a partir da força mobilizadora do teatro como forma de ação política para o posicionamento diante de ações reais de conflitos e problemáticas vivenciadas.

A prática foi desenvolvida a partir da formação de um grupo focal composto por dezoito estudantes-moradores que, ao final de um ano de pesquisas e práticas pedagógico-metodológicas, criaram a peça “Balbino em Defesa do Meio Ambiente”, discutindo um dos impactos atuais sofridos pela comunidade e percebidos pelos estudantes. A prática de queimadas para o plantio agrícola e também para a destruição do lixo produzido pelos moradores, devido à ineficiência do serviço de coleta, associado às relações tradicionais, há queimadas constantes no espaço de Balbino e também no seu entorno. Essa prática é alarmante, principalmente inserida no contexto do lugar, área de preservação ambiental desde 1997. Desta forma, o tema escolhido, desenvolvido e encenado, é de extrema relevância para a conservação de Balbino enquanto espaço geográfico e enquanto referência histórica como comunidade pesqueira tradicionalmente envolvida nos processos de luta e mobilização social do litoral Cearense.

Em **Jogos para atores e não atores**, Boal explana, no capítulo II de sua obra, acerca da estrutura de interpretação do ator, valorizando a emoção e sua manifestação livre como experiência prioritária para o princípio das atividades de interpretação, segue a partir daí uma preparação do ator através de exercícios musculares, sensoriais, exercícios de memória, de imaginação e de emoção. Nesse sentido, desenvolveu um sistema de jogos e exercícios que foram fundamentais para a construção da produção cênica.

Figura 19 - Apresentação da peça “Balbino em defesa do Meio Ambiente”.



Fonte: Acervo da autora, 2011.

No tocante à fundamentação da parte prática de formação teatral, a peça foi construída também em quatro fases de atuação: Desenvolvimento da percepção; preparação do corpo e dos sentidos, construção de histórias, roteirização e produção cênica.

Na primeira etapa, o objetivo é a preparação do corpo e dos sentidos, para que o estudante-ator aprenda a se permitir participar da proposta de aprendizagem, percebendo seu corpo e possibilitando movimentos, desenvolvendo concentração, agilidade, força, cumplicidade e raciocínio.

A segunda etapa consiste na formação e desenvolvimento de personagens, construindo sua história, origem, personalidade, suas ações, anseios e relações que estabelecem com outros personagens, quais suas características físicas e psicológicas, enfim, seu papel na construção coletiva da história.

A terceira etapa compreende a escolha do tema e a elaboração do roteiro da peça, para esse momento é necessário utilizar-se dos questionamentos, problemáticas e produção coletiva realizada em toda a construção da experiência em termos de pesquisa e produção textual. É realizado um debate com o grupo para compreender que tema será selecionado, quais são os papéis dos sujeitos na história e quais são seus movimentos de transformação. A partir da escolha faz-se necessário definir espaço e temporalidade onde a peça se dará e, *a posteriori*, dar início a construção coletiva da história. O papel do educador é mediar as discussões, orientar ideias, organizando a segmentação em cenas ou atos e estruturando as falas e propostas de ação.

A quarta e última fase é a produção cênica, devem ser desenvolvidos elementos que compõem a peça: O cenário, o figurino, os equipamentos de som e luz, se houver, e a preparação continuada do espetáculo a partir de ensaios para a apresentação.

5.2 Festival de Artes. Mostra de resultados da experiência para a comunidade

O dia 27.03.10 foi escolhido para o encerramento da prática pedagógica da pesquisa-ação-participante desenvolvida em Balbino, e teve como culminância a apresentação da peça criada pelo grupo de estudantes-atores da comunidade, intitulada: “Balbino em Defesa do meio ambiente”. A escolha desse dia foi representativa, marcar o dia mundial do teatro e o

encerramento da semana da árvore, além de estar inserida em um movimento chamado “A hora do planeta”.

Todo esse contexto é significativo para tentar inserir na comunidade um sentimento de pertencimento à estrutura global de preservação ambiental, partindo de suas próprias experiências, numa perspectiva de associar as ações locais às ações globais, entendimento, discussão e tomada de posição sobre a problemática ambiental.

Esse dia foi também definido para que a comunidade tivesse conhecimento das atividades desenvolvidas ao longo de toda a prática realizada em forma de oficinas, distribuídas em um curso denominado “Educação, História, Arte e Meio Ambiente: Os Caminhos do Homem na Natureza”, que teve início há quase um ano. A linguagem escolhida para essa mostra de resultados foi um festival de artes, além da peça encenada, foram realizadas exposições temáticas acerca da pesquisa, como a exposição hemerográfica, composta pelas diversas reportagens com as quais referenciamos a experiência pedagógica, exposição das aulas de campo, exposição de pinturas realizadas pelos alunos a partir das discussões propostas.

Figura 20 - Exposições Temáticas



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Figura 21 - Exposição de desenhos



Fonte: Acervo da autora, 2011.

O espaço da escola foi cedido para a realização do festival que ocorreu com grande participação da comunidade. Apresentamos objetos representativos enquanto fazer artístico da mesma, como a almofada de renda, significativo, já que, as mulheres da comunidade mantêm a tradição de fazer renda de bilro.

Figura 22 - Almofadas para produzir artesanato de “renda de bilro”



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Realizamos também a apresentação de uma mostra de vídeos: O documentário da repórter Paula Saldanha, autora de um livro paradigmático intitulado **Balbino em Chamas**, denominado “Programa Expedições”, uma série que apresenta comunidades do Ceará, entre elas Balbino, e seus movimentos de resistência no ano de 1996, além desse documentário apresentamos também o vídeo da peça “Balbino em Chamas”, já citada como produção teatral desenvolvida pelos moradores.

Além da mostra de vídeos, houve a apresentação de um grupo que realizou a dança do coco.

Figura 23 - Mostra de Vídeos do Festival de Artes



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Para finalizar, houve a apresentação da peça “Balbino em Defesa do Meio Ambiente”.

Figura 24 - Apresentação da peça “Balbino em Defesa do Meio Ambiente”



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Figura 25 - Apresentação da peça na escola de Balbino



Fonte: Acervo da autora, 2011.

Sendo esta a proposta de conclusão da prática pedagógica a partir da experiência em educação ambiental e associada a esse conjunto de produções artístico-culturais que representam a comunidade de Balbino, seus conflitos, perspectivas e formas de mobilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propostas para uma educação ambiental continuada.

Pretendemos com a experiência deste modelo de educação ambiental, utilizar o teatro como prática metodológica para o ensino de educação ambiental e perceber esta como fusão de linguagens, levando em conta a atuação dos sujeitos.

Esperamos desenvolver a partir da pesquisa em história local, a percepção de reflexões e ações acerca das problemáticas vivenciadas pela comunidade na atualidade, como o projeto de implantação de um resort por parte de um grupo de empresários portugueses que pretende se estabelecer nos arredores do povoado de Balbino.

Desejamos ainda, a partir da construção coletiva da experiência em educação ambiental, preparar os sujeitos, atores sociais, para a real ação, de forma a perceberem-se agentes transformadores de sua prática cotidiana, sujeitos críticos e atuantes, dispostos a lutar em busca de qualidade de vida e de preservação e conservação do meio ambiente de sua comunidade.

Propomos também construir de forma conjunta com as instituições e a população residente na comunidade uma consciência ambiental crítica que possibilite a elaboração e o desenvolvimento de ações coletivas, como a criação de um memorial sobre Balbino, ações permanentes para a preservação da área de proteção ambiental e um fórum de discussão permanente sobre os impactos ambientais, o movimento artístico cultural, a sustentabilidade ou o turismo de exploração temas frequentes e problemáticas com soluções a médio ou longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, H. **Justiça Ambiental** – novas articulações entre meio ambiente e democracia. In: **IBASE/CUT-RJ/IPPUR-UFRJ, Movimento Sindical e Defesa do Meio Ambiente** – o debate internacional, série Sindicalismo e Justiça Ambiental, vol.3, RJ, 2000, p.7-12.

ANDRÉS, Maria Helena. **Os caminhos da arte**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

Aquasis, A zona costeira do Ceará - **Diagnóstico para a gestão integrada - Aquasis**, Fortaleza, 2003 (Aquasis - Associação de pesquisa e preservação de ecossistemas aquáticos). **As crianças das áreas pesqueiras do Ceará** (análise de situação). Fortaleza-Ce, 1991.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo, ed. Cortez, 2004.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 4º edição. Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 1983.

_____. **Jogos para Atores e Não atores**. 13º ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da provincia do Ceará**. Ed. Fac-Similiar a de 1859. Biblioteca Básica Cearense. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico**. 4º Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

CURRIE, Karen L. **Meio Ambiente: interdisciplinaridade na prática**. Campinas, SP: Papius, 1998.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista: Estudo da Maritimidade em Fortaleza/**. Secult, 2002.

_____. Construção da Imagem turística de Fortaleza/ Ceará. In: **Mercator-revista de geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002.

DEBONI, Fábio. Educação Ambiental e Juventudes: Movimento Singular e Plural. In. Matos. Kelma Socorro Lopes de. (org.) **Cultura de Paz, Educação Ambiental e Movimentos Sociais: Ações com Sensibilidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos de Sant'Ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: editora Ática, 1983.

DUARTE JR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** São Paulo: Papius, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: Temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991-98.

FERNANDES, D.G. Eco pedagogia e Currículo. A construção de saberes e sujeitos sociais na perspectiva do desenvolvimento sustentável In: Matos, K.S. L (Org). **Cultura de Paz, Educação e Movimentos Sociais. Ações com Sensibilidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

FIGUEIREDO, João Batista Albuquerque. **Educação Ambiental Dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, ed. paz e terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 13º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 29ºed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

GÓIS. César Wagner de Lima. **Saúde Comunitária**. Pensar e Fazer. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GUIMARÃES, M. **A Dimensão Ambiental na Educação**. 6ªed. Campinas / SP: Papirus Editora, 2005.

Instituto Terramar & departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, trecho do relatório referente à comunidade de Balbino, **Projeto Iniciativas para uma gestão costeira sustentável, uso e ocupação da terra por comunidades tradicionais da zona costeira do Ceará** - Diagnóstico sócio-ambiental participativo.

JOSÉ. Mariana Aranha Moreira. Interdisciplinaridade: As disciplinas e a interdisciplinaridade Brasileira. In: **O que é interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org). – São Paulo: Cortez, 2008.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. In: **Repensar a educação ambiental**: Um olhar crítico/ Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Philippe Pomier Layrargues, Ronaldo Souza de Castro (org.). – São Paulo: Cortez, 2009.

LEFF, Enrique. Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes: hacia una pedagogía ambiental. In: **Perspectivas da educação ambiental na região ibero-americana**: Conferências\ do V Congresso Ibero- Americano de Educação Ambiental – Rio de Janeiro: Associação Projeto Roda Viva, 2007.

_____. **Saber ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001

LIMA, Maria do Céu. O papel da organização comunitária na gestão ambiental. In: **Anais do workshop internacional sobre a pesca artesanal**, 1997. Editado por Antônio Aduino Fonteles Filho.

_____. **Comunidades pesqueiras marítimas no Ceará: território, costumes e conflitos**/ Maria do Céu Lima - São Paulo, 2002.

LOUREIRO, C.F. B, Barbosa, G.L e Zborowski. Os vários “ecologismos dos pobres” e as relações de dominação no campo ambiental. In. **Repensar a educação ambiental**: Um olhar

crítico/ Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Philippe Pomier Layrargues, Ronaldo Souza de Castro (orgs). – São Paulo: Cortez, 2009.

LUIS, Antonio Ferraro Jr. (org.) **Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (organizadora). **Educação Ambiental e Sustentabilidade II**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental do Brasil**. Pesquisa e Ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

MANO, Eloisa Biasotto. **Meio Ambiente, poluição e reciclagem**. 1º Ed – São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

OLIVEIRA JR, Gerson Augusto de. **O encanto das águas**: a relação dos Tremembés com a natureza. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria de cultura do estado do Ceará, 2006.

Organização X Pesca predatória - **Construindo um futuro melhor**, Fortaleza, 1997.

PINTO, Antonio Carlos Brasil. **Turismo e Meio Ambiente**. Aspectos Jurídicos. 6º edição. Campinas, SP: Papirus, 1998.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Meio Ambiente e Representação Social**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REVERBEL, Olga. **Teatro na sala de aula**. 2ª edição. Rio de Janeiro, J.Olympio. 1979.

RODRIGUES, José Manuel Mateo e Edson Vicente Silva. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável**: Problemática, tendências e desafios. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA FILHO, Antonio Luiz de Macedo e. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SILVA, Maria Erotilde Honório. **O fazer teatral**: Uma forma de resistência. Fortaleza: Edições UFC, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das Paisagens. In: **Cardoso**. Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo.

SILVA, Hilária Naquel de Sousa da. **Zingando nos Saberes de Caetanos de Cima**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. **Pré- História Cearense**. 1º Tomo. Editora Instituto do Ceará, limitada, 1955.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Entre a ficção e a realidade: Histórias de Vida, Escritas de Si e Práticas de Formação. In. **Interfaces metodológicas na história da educação**. José Gerardo Vasconcelos, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, (org.) Fortaleza, edições UFC, 2007.

VASCONCELOS, José Gerardo. e Antonio Germano Magalhães Júnior (organizadores). **Linguagens da História**. Coleções Diálogos Intempestivos. Fortaleza: imprece, 2003.

VIEZZER, Moema L. Pesquisa-ação-participante: Conceitos e Avanços. In: **Encontros e Caminhos. Formação de Educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Luiz Antonio Ferraro Júnior (org.) Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

WOSTER, Donald. **Para Fazer História Ambiental**. Traduzido por José Augusto Drummond in, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 4, nº 08, 1991, p 198-215.

Reportagens sobre Balbino. Jornal **O Povo** no período de 1986 a 2009.



DETENTOS
Seminário sobre "Resocialização dos Detentos e Ações de Apoio aos Vitimados" será realizado hoje ■ 15A

POLÍCIA
Assaltantes mataram para roubar, quarta-feira à noite, dois motocaxistas de Fortaleza ■ 14A

idades

30 de maio de 1997

Casas foram queimadas em 1987

O drama da comunidade começou no final de julho de 1987, quando homens armados, identificados como policiais civis, invadiram e queimaram quatro casas, derrubaram cercas com tratores e ameaçaram de prisão os moradores. A agressão foi a mando de Rui Caminha Barbosa Júnior, proprietário da imobiliária IWA, que alegou, na época, serem suas as terras onde vivem os nativos.

Os moradores, pescadores na maioria, disputam há vários anos a posse das terras com os donos da IWA, Ticiane Finza Caminha Barbosa e Rui Caminha. Desde 1983, 12 pessoas pediram na Justiça o usucapião, mas até 87 nada tinham conseguido. Ainda em 1987, o geólogo da ex-firma Sudac, hoje Semace, João Barros Gurgel, denunciou agressões ao meio ambiente promovido pelos empresários.

A barra da praia foi fechada e um mangue destruído. Por decisão da Justiça, os empresários foram obrigados a fazer a abertura de nove metros de largura da barra, o que possibilitou a reconstrução do ambiente anterior. A abertura permitiu o avanço do mar sobre a área aterrada. Os técnicos da Superintendência de Desenvolvimento do Ceará acompanharam a reconstrução da área, por determinação do juiz José Eliezer Pinto.

Passados 10 anos da destruição das casas, a comunidade recebe a titulação de posse da terra, que será entregue às 10 horas de hoje, em Balbino, pelo governador Tasso Irenessati

130 famílias da comunidade de Balbino recebem posse de terras



Casas da comunidade foram destruídas em julho de 1987 na luta pela posse da terra

130 Famílias da comunidade de Balbino em Cascavel receberam posse de terras onde moram e que foram povoadas por seus antepassados. O título das terras ficará em nome da Associação dos Moradores para evitar a venda indevida e a especulação imobiliária no local ■

As 130 famílias da comunidade de Balbino, em Cascavel, realizam hoje seu antigo sonho. Receberão a posse das terras onde seus antepassados criaram há 200 anos o povoado com 245,95 hectares. A titulação vai ser dada a Associação dos Moradores e no ano 2000 a entidade entregará o título definitivo a cada um dos residentes.

Apesar de não receberem a escritura da área, os moradores já se consideram legítimos donos do lugar. Nos três anos, a administração da área ficará a cargo da Associação com o acompanhamento técnico do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace). Nesse período serão realizados estudos de acompanhamento para evitar especulação imobiliária. Qualquer empreendimento a ser realizado tem de ser voltado para o social com a autorização da Associação.

As restrições também atingem os moradores. Cada um terá direito a somente duas posses: uma a casa e outra, o roçado. Uma terceira área será usada para a expansão comunitária, ou seja, para as novas famílias que se formarão com os casa-

mentos. A preocupação dos moradores é evitar que as novas gerações deixem a comunidade por falta de casas ou roçados para o plantio. Balbino sobrevive da pesca e agricultura de subsistência.

Dar um salto de qualidade. É agora a preocupação das 130 famílias. Considerada uma das praias mais bonitas do Estado, Balbino não dispõe de infra-estrutura para atender o turismo e não existe acesso a praia. A Prefeitura dispõe de projeto para a construção da estrada de acesso, de 850 metros.

Um dos maiores problemas do lugar é o desemprego. Para resolver o problema, os moradores defendem o desenvolvimento do ecoturismo, ou sejam, o turismo ecológico de forma associativa. O crescimento, entendem, dependerá da construção de um hotel.

Para agradecer o que consideram a realização de um sonho, a comunidade realizará minutos antes da entrega dos títulos uma missa campal. Está prevista ainda a apresentação do grupo folclórico local que apresentará a tradicional "Dança do Coco".

É SÓ HOJE E AMANHÃ economize na **RABELO** O PONTO DO ELETRODOMESTICO

8x ou 30x SEM ENTRADA, quem ganha é o cliente. CORRA!

SEM ENTRADA

Lavadora de roupas **ARNO-Super WET-Cap**, 4,3 kg, controle de nível de água e dreno, seletor de programas de lavagem (03 unidades)

A vista: R\$ **219,00**

8x 32,70 = 262,24

30x 16,70 = 503,40

NAS COMPRAS ACIMA DE R\$ 100,00 GANHE UM BRINDE ESPECIAL

TV P&B SEMIYOK PPV/TV portátil VHS/VHS, entrada p/antena externa. (03 unidades)

A vista: R\$ **79,00**

SEM ENTRADA

Videocassete **PHILCO PVC-4110** 4 cabos com controle (02 unidades)

A vista: R\$ **295,00**

8x 44,15 = 353,20

30x 22,60 = 678,00

SEM ENTRADA

Fogão **ATLAS Tropical Plus** 4 bocas- forno com limpeza fácil, visor no forno, botões embutidos mesa inox, tampa de vidro temperado. (02 unidades)

A vista: R\$ **119,00**

8x 17,81 = 142,48

30x 9,12 = 273,60

Liquidificador BRITÂNIA SD 2 velocidades + pulsar (05 unidades)

A vista: R\$ **29,90**

"E TEM MUITO MAIS OFERTAS PRA VOCÊ POR MUITO MENOS"

ISTO É RABELO SOM E IMAGEM

SATISFAÇÃO TOTAL

IGUALEM: Fone: 278-4439
CENTRO: R. Assis Brasil, 155 - Fone: 254-3200
B. Rio Branco: 1025 - Fone: 254-8111 e 254-5330
Liberato Barros: 1775 - Fone: 254-7330
Sociedade Bomfim: 906 - Fone: 254-6223
Major Facundo: 740 - Fone: 254-4880

Formas de pagamento: à vista, cheque ou cartão. As formas sem entrada são válidas apenas para pagamento à vista. O prazo de validade das formas sem entrada é de 30 dias a partir da data de emissão. Não se aplica ao valor de entrega. Não se aplica ao valor de frete. Não se aplica ao valor de instalação. Não se aplica ao valor de manutenção. Não se aplica ao valor de garantia. Não se aplica ao valor de transporte. Não se aplica ao valor de seguro. Não se aplica ao valor de frete. Não se aplica ao valor de instalação. Não se aplica ao valor de manutenção. Não se aplica ao valor de garantia. Não se aplica ao valor de transporte. Não se aplica ao valor de seguro.

Comunidade espera construção da praça

A comunidade do bairro Presidente Kennedy há muito espera pela construção de uma praça na confluência das ruas Frei Odilon com Haroldo Torres. O local, uma estrutura física triangular e muito arborizada, é ideal para a localização de uma área de lazer. No entanto, está sendo utilizada como estacionamento de carros. De acordo com Francisco Pires, que mora há 25 anos nas proximidades, existe até projeto para a execução da obra, porém, nunca foi posto em prática. Ele reclama que o projeto só é lembrado no período eleitoral, pelos candidatos. Depois é esquecido. Nas eleições não existem opções para lazer dos moradores. Bem que a Prefeitura poderia atender o pedido da comunidade, através da Regional III, urbanizando o local.

MARCOS CAMPOS



Local serve como estacionamento

▼ Serviço de qualidade

Sobre a nota intitulada "Sujeira no pão", publicada na edição do último dia 28, a panificadora São Raimundo garante que sempre primou por um serviço de qualidade e dentro dos padrões de higiene. Atende a comunidade do Rodolfo Teófilo com toda presteza. De acordo com fax enviado à redação da A cidade é Sua, pelo sócio-proprietário, Florêncio Guedes Joca: "Apesar da cliente achas que foi encontrado 'bolinhas pretas' parecidas com pó de madeira dentro do pão cariaguinha, podemos garantir que esta hipótese é impossível".

▼ Pó de madeira

Explica, ainda o Sócio-proprietário da padaria São Raimundo: "Em primeiro lugar, o pão cariaguinha não passa por tableteiro. Eles são acomodados em telas de aço e guardados em armários também de aço inox, enquanto aguardam o tempo de serem assados no forno. Em nenhum momento do processo de fabricação, o pão cariaguinha passa por madeira, o que torna, reafirmamos, impossível ter sido encontrado pó de madeira dentro do pão, como declarou a estudante Maria Vasconcelos".

▼ Bom exemplo

O eletricitário César Augusto Chaves está feliz da vida com o atendimento prestado pela Telcepar. Na declaração diz que: "Gostaria de agradecer em especial às funcionárias Fátima e Marlene, que com muito boa vontade e conduta profissional merecedora de elogios, resolveram o problema que há algum tempo parecia insolúvel. São pessoas com esse comportamento e compromisso que fazem da empresa exemplo para todos os coaracteres". César Augusto publicou nota há cerca de 15 dias reclamando de problemas em uma locação telefônica.

▼ Perigo

O motorista Carlos Ferreira Dantas morre de medo quando trafega na Pedro Dantas para entrar na avenida Roberto Craveiro, próximo ao Macró. Também pudera, a Alberto Craveiro é muito movimentada e não tem uma vez sequer que os motoristas entrem e que não venha carros. O pior é que não existe sinalização e nem guarda disciplinando o trânsito. O motorista Carlos Ferreira pede ao Detran que resolva a situação antes que aconteça algo de pior.

▼ Saneamento

O contator Álvaro Augusto Oliveira continua querendo saber por que razão a rua Castro Monte, no trecho compreendido entre República do Líbano e Dom Luis, não foi contemplada pelas obras do projeto Saneat, enquanto que as

demais ruas foram saneadas, no ano passado. "Mandi três fax pedindo explicações ao superintendente da Cacege, que nunca foram respondidos". O contator espera que a resposta e a obra apareçam logo.

▼ Traição

A comunidade do Conjunto Ceará está se sentindo traída pela Prefeitura. O motivo foi a promessa não cumprida pela Sumov de recuperar a pavimentação das ruas do bairro. Em dezembro, a Sumov prometeu consertar a buraqueira. O serviço foi iniciado em um trecho, mas apenas vinte metros foram recuperados e as obras terminaram. A comunidade do bairro continua com esperanças que o problema seja solucionado, afinal ninguém suporta a conta das oficinas mecânicas devido aos carros danificados nos buracos. Conta o eletricitário Raimundo Nonato.

▼ Pega

O contator Luis Queiroz, que é revoltado com negócio de pega, denuncia o abuso cometido pelo motorista do Opala de placas HTX-5536, na madrugada da última quinta-feira, na avenida Bezerra de Menezes, na lanchonete Catalau Lanches. "O bacaba tava fazendo cavalo de pau. Vai ver que o carro era do pai dele, que nem sabia". O contator pede ao Bptran que mantenha patrulhas no local, porque abusos deste tipo são rotineiros por lá. "Uma vez eu vi um caso parecido e cheguei a chamar a polícia, mas eles não chegaram a tempo. É necessário que haja medidas preventivas".

▼ Abuso

A vizinhança da metalúrgica localizada na Gonçalves Ledo, 401, quer saber quando é que a Splan vai tomar uma atitude diante dos abusos cometidos no funcionamento da indústria. De acordo com moradores, a metalúrgica funciona em horário irregular, com muito barulho e em uma área estritamente residencial. Além disso, máquinas e equipamentos são depositados na calçada, atrapalhando a passagem dos pedestres.

▼ Erro

O leitor José Leão que publicou reclamação, ontem, nesta coluna, acerca do preço do pão cariaguinha vendido na Panificadora Central, diz que "se enganou". Na verdade, a padaria que o leitor queria se referir era a Modelo, que se situa na rua General Sampaio, e não a Central, como consta na nota. A redação da coluna está aberta às reclamações e ao direito de resposta de todos os envolvidos. É uma questão de cidadania. Espera-se que os leitores sejam prudentes e não utilizem este espaço de forma irresponsável como aconteceu ontem.

Comunidade de Balbino quer evitar especulação



FOTEC JARAB OLIVEIRA

Moradores de Balbino fizeram apresentação da dança do coco durante solenidade de entrega de título

Moradora diz ter escritura

"Se derem o documento de posse como a gente escuta falar é uma boa, porque é uma ajuda para as pessoas do lugar. Só não sei como isso vai ficar" — especula Lúcia de Fátima Batista Silva, 40, casada, mãe de sete filhos com o que está para nascer. A moradora do povoado de Balbino desde o nascimento garante que tem a escritura da posse da terra em que mora, deixada por duas senhoras que a criou.

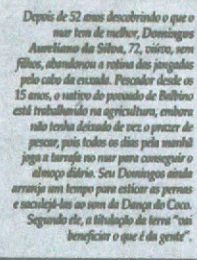
Lúcia disse que a terra foi única coisa que deixada de herança para ela. Na casa onde mora, um barraco feito de palha de coco, todos estão desempregados. A pequena fonte de renda da família vem de uns "bicos" feitos pelo esposo, José Raimundo da Silva, 29, que trabalha como cambista e de um "filho de Deus", como ela chama Milton Gadelha Mello Filho. "Ele manda todo mês um dinheiro pra gente. Sem esse dinheiro não sei como seria" — diz.

Caso adquira legalmente a posse da terra a moradora pretende plantar para conseguir uma nova fonte de renda para a família. "A plantação vai servir de grande ajuda para a gente. Assim, deixamos de comer o comprado. A gente vai comer o batata que plantar" — afirma.

VIDA EM BALBINO



Manuel Anastácio de Carvalho Júnior, 77, conhecido como Nel Chagas, é o artista do povoado. Desde os 15 anos a "pescador, cabo de esxada, cantador de coco e de embolado", como se descrevia, começou a cantar o Coco, animando as festas da comunidade. Seu Manuel conta que começou a cantar antes mesmo de aprender a pescar. "Eu não canto de leituras. O meu livro é a minha cabeça. Na hora em que eu abrio a boca a palavra já está feita. Tenho uns 200 a 300 'arresponsamentos' de Coco" — diz.



Depois de 52 anos descobrindo o que o mar tem de melhor, Domingos Azeiteiro da Silva, 72, criou, sem filhos, abandonou a rotina das jogalhas pelo calor da esxada. Pescador desde os 15 anos, o nativo do povoado de Balbino está trabalhando na agricultura, embora não tenha deixado de vez o prazer de pescar, pois todos os dias pela manhã joga a tarrafa no mar para conseguir o almoço diário. Seu Domingos ainda arranja um tempo para esticar as pernas e sacolejar-las ao som da Dança do Coco. Segundo ele, a titulação da terra "vai beneficiar o que é da gente".

Jovens de classe média presos acusados de assalto

Três rapazes, todos de 18 anos e de classe média, foram presos e autuados em flagrante, ontem, na Delegacia Distrital Central, de plantão, acusados de assaltar um posto de gasolina, no bairro de Fátima.

Três jovens, de apenas 18 anos, armados assaltaram, ontem de madrugada, o posto de gasolina Bambus, localizado na avenida Luciano Carneiro, 721, no bairro de Fátima (Zona Sul de Fortaleza), e fugiram levando dinheiro. Eles agiram depois que renderam um frentista, que não teve tempo de esboçar reação. O Copom (Centro de Operações Policiais Militares) foi acionado e pouco tempo depois os PMs conseguiram prender os três assaltantes. São eles: Antônio Pontes de Aguiar Neto, Roberto Augusto Gaudêncio de Andrade e Jônatas Bastos Ferreira. Antônio Neto é filho de um oficial da Base Aérea. Os outros dois são filhos de médicos comerciantes.

Os acusados foram levados para a Delegacia Distrital Central e au-

tuados em flagrante pela delegada Rosicleide de Castro. Os três continuam recolhidos na carceragem da Delegacia Distrital e hoje, segundo a delegada Rosicleide, serão transferidos para a Delegacia de Roubos e Furtos (Aldeota), e ali investigados sobre os últimos assaltos ocorridos em Fortaleza contra postos de gasolina. Os rapazes disseram na Polícia que são primários. Os policiais que os prenderam contaram que não houve resistência à prisão por parte deles.

Por outro lado um homem armado de revólver assaltou, ontem de madrugada, no Km 20 da BR-116, proximidades da localidade de Jaboti (Itaitinga), o ônibus da empresa São Benedito, de placas HUX-1651, que fazia a linha para a vila de Cantagalo. O bandido fugiu levando dinheiro, além relógios e objetos de valor pessoal dos passageiros. O motorista do coletivo, João José dos Santos Souza registrou queixa na Delegacia Metropolitana de Polícia de Itaitinga. Ele contou que o bandido o rendeu com a arma encostada na sua cabeça. A Polícia promoveu diligências na área, mas não encontrou pista do assaltante.

Infantes estão proibidos de controlar trânsito

A Polícia Militar do Ceará terá que afastar os 330 menores da atividade de controle de trânsito em frente às escolas e empresas. A partir de agora os menores serão utilizados em outras atividades.

Os 330 menores do Grupoamento Infante-Juvenil do Batalhão de Trânsito da Polícia Militar (PM) não poderão mais ser caracterizados como militares. Pelo menos no que diz respeito a trabalho de trânsito e fardamento. A decisão foi acertada na tarde de ontem na sede da Procuradoria Geral da Justiça (PGJ) entre o coordenador do Centro de Apoio das Promotorias de Infância e Juventude, promotor Odilon Silveira, e o responsável pelos infantes do Bptran, tenente Renato Paiva.

De imediato, a PM terá que afastar os menores do trabalho de orientação de tráfego em frente às escolas e empresas onde a maioria é empregada. Segundo o promotor Odilon Silveira, a mudança da

atividade dos infantes não implicará em prejuízo para o grupo. Os adolescentes sairão da condição de guardas de trânsito e passarão a exercer outras funções. Ao invés de estarem "no meio da rua" serão utilizados em outros setores onde estiverem lotados.

O emprego dos infantes do Bptran em atividades remuneradas é outra preocupação de Odilon Silveira. Segundo o Promotor, a PM vem exercendo um trabalho de intermediação entre as empresas e a mão-de-obra dos infantes. "Isso fere o Estatuto do Menor e leis trabalhistas. Os meninos acabam sendo explorados", observa. Para aprofundar a discussão ficou marcada para o dia 8 de agosto próximo entre membros da PM e da PGJ.

Durante a reunião ficou acordado também que a PM tem até o final do próximo mês para descaracterizar o fardamento militar utilizado pelos 330 infantes. Serão retirados da farda o braçal, apito, colete de trânsito e os coturnos (botas) serão substituídos por sapatos sociais. Além de integrantes da PM e PGJ participaram do encontro membros da Febemec, Cedeca e NITE.



ESTADO DO CEARÁ
 PREFEITURA MUNICIPAL DE
CASCAVEL
 ADM. PC



Disposição sobre a criação de Área de Proteção Ambiental do povoado

Projeto de Lei 025/97

Cascavel, 17 de setembro de 1997

DER LEGISLATIVO
 CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
 Recebido Hoje às 13:00 Hs.
 PROTOCOLO N° 384/97
18 1 09 11997
Rosâmia Freitas
 FUNCIONÁRIO

Autoriza transformar em Área Institucional, terreno no povoado do Balbino neste município.

Faço saber que a Câmara Municipal de Cascavel aprovou, e eu promulgo e sanciono a seguinte Lei:

Art.1º-Fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a transformar em Área Institucional, terreno no Povoado do Balbino, no Distrito de Caponga, neste município, perfazendo uma área total de 1916,75 m², conforme planta em anexo.

Art.2º- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Cascavel, aos 17 dias do mês de setembro de 1997.

Paulo César Sarquiz Queiroz
 Paulo César Sarquiz Queiroz
 Prefeito Municipal

n= 497/88

Disposição sobre a criação de Área de Proteção Ambiental do povoado de Balbino, no distrito de Caponga, neste município.



ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE
CASCVEL
ADM. PC



Mensagem 025/97

Cascavel, 16 de setembro de 1997

Senhor Presidente,
senhores Vereadores:

PODER LEGISLATIVO
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCVEL

Recebido Hoje às 13:00 Hs.

PROTCCLO Nº 384/97

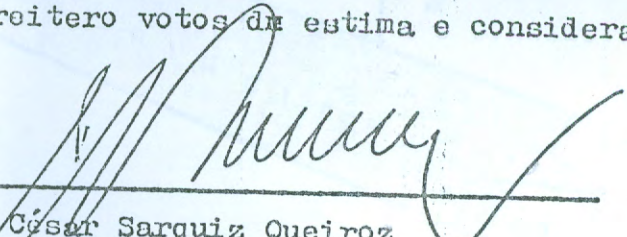
Em 18 109 1997

Rosâmia Freitas

Apraz-me encaminhar para apreciação e deliberação desta Augusta Casa Legislativa, Projeto de Lei que trata da autorização para transformar em Área Institucional terreno no Povoado do Balbino, no distrito de Caponga, neste município.

Por se tratar de matéria de grande interêsse desta municipalidade, solicitamos de Vossa parte e seus ilustres pares, à aprovação URGENTE, URGENTÍSSIMA, desta matéria.

Sem mais para o momento, reitero votos de estima e consideração.


Paulo César Sarquiz Queiroz
Prefeito Municipal

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL

ANO 1 - ADM. DR. CHAGAS ALVES E THADEU QUEIROZ
TRABALHANDO COM PARTICIPAÇÃO



LEI Nº 662/93

DISPÕE SOBRE A IMPLANTAÇÃO DA ÁREA DE
PROTEÇÃO AMBIENTAL DE BALBINO, NO MU-
NICÍPIO DE CASCAVEL NO ESTADO DO CEA-
RÁ, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CASCAVEL,

Faço saber que a Câmara Municipal de Cascavel, apro-
vou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º - A Área de Proteção Ambiental de Balbino
instituída mediante Lei nº 497, de 21 de Setembro de 1.983, está si-
tuada no Município de Cascavel, Estado do Ceará, consoante delimi-
tação constante do Anexo I desta Lei.

Art. 2º - A criação da Unidade de Proteção Ambiental
a que se refere a presente Lei, além de possibilitar às comuni-
dades nativas o exercício de suas atividades dentro dos padrões cultu-
rais definidos historicamente, tem por objetivos específicos:

- I - Proteger e preservar a unidade social da Comunidade de Balbino
através da atuação de sua Associação de Moradores;
- II - Proteger e preservar ecossistemas representativos da área, a
exemplo de paleodunas, dunas fixas e móveis;
- III - Proteger e preservar o manguezal em toda sua extensão;
- IV - Proteger e preservar formações geológicas de grande potenci-
al paisagístico e científico;
- V - Proteger e preservar os recursos hídricos componentes da sub-
bacia hidrográfica da APA de Balbino, a exemplo dos Riachos Boa
Vista (Caponga Funda), Mupoba, lagoas freáticas e lagoas;
- VI - Proteger e preservar espécies animais e vegetais;
- VII - Promover a execução de projetos, programas e atividades que
revertem numa melhoria da qualidade de vida da população nativa.

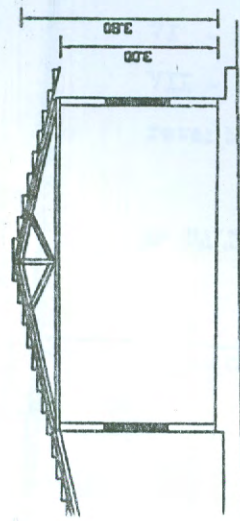
Art. 3º - Para a implantação e funcionamento da APA
de BALBINO, deverão ser adotadas as seguintes medidas prioritárias:



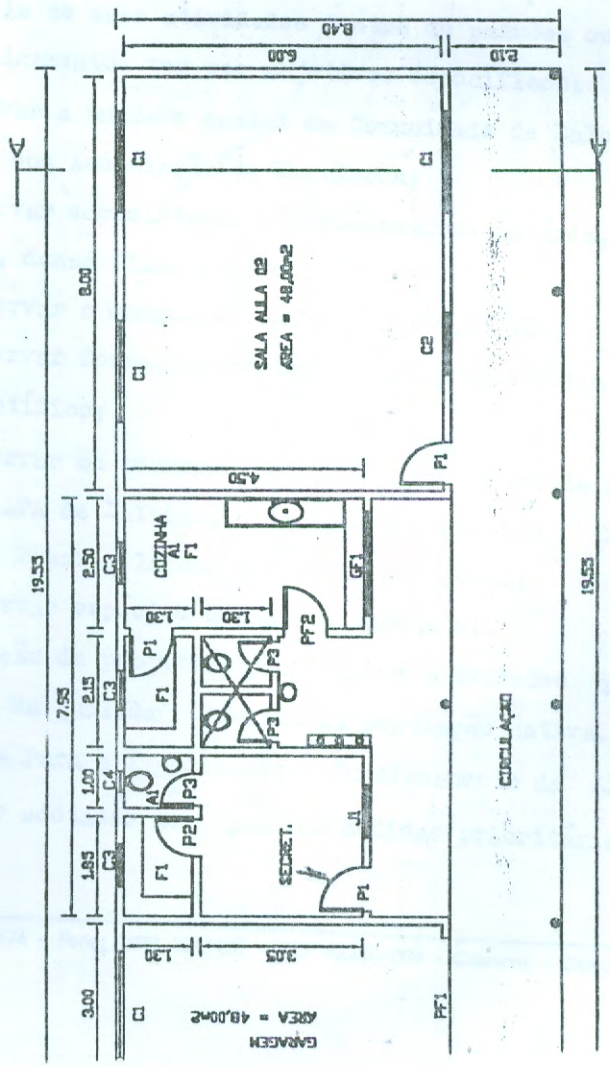
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL	
CID. CASCAVEL	
ESTADO DO PARANÁ	
MUNICÍPIO DE CASCAVEL	
PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL	
ESCALA: 1/100	ÁREA: 164,20m²
DATA: 16/07/99	DESENHADOR: HELSON MORA
PROJETO: 01/01	
PLANTA BASTA E CORTE	

LEGENDA

- PF1 PORTÃO DE FERRO 2,30x2,40
- PF2 GRADE DE FERRO 0,80x2,10
- GF1 PÓRTICO DE FERRO 2,00x1,10
- P1 PORTA PARANA 0,80x2,10
- P2 PORTA PARANA 0,70x2,10
- P3 PORTA PARANA 0,60x2,10
- C1 CORDEIRO DE CIMENTO 2,00x1,20
- C2 CORDEIRO DE CIMENTO 1,50x1,20
- C3 CORDEIRO DE CIMENTO 0,80x0,40
- C4 AZULEJO 1x1,50
- AI FERRO EM PA 1x2,50



CORTE - AA



PLANTA BAIXA

Dispõe sobre a criação de Área de Proteção Ambiental do povoado de Balbino, em Corcovel.

A Câmara Municipal de Corcovel aprova, em sessão a seguinte Lei:

Art. 1.º - Fica criada a Área de Proteção Ambiental (APA) do povoado de Balbino, município de Corcovel.

Art. 2.º - O objetivo é a preservação da área povoada com a finalidade de proteger, conservar e melhorar o meio ambiente, mantendo o seu ecossistema natural, para conservação de sua fauna e flora, assim como dos seus valores históricos e paisagísticos.

Procuradoria Geral da
Fl. 05

Art. 3.º - A delimitação da área será realizada por intermédio do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, em convénios com as entidades vinculadas ao assunto, obedecendo a legislação pertinente a matéria, em vigor.

Art. 4.º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Povo do Povoado Municipal de Corcovel, em 21 de setembro de 1988.

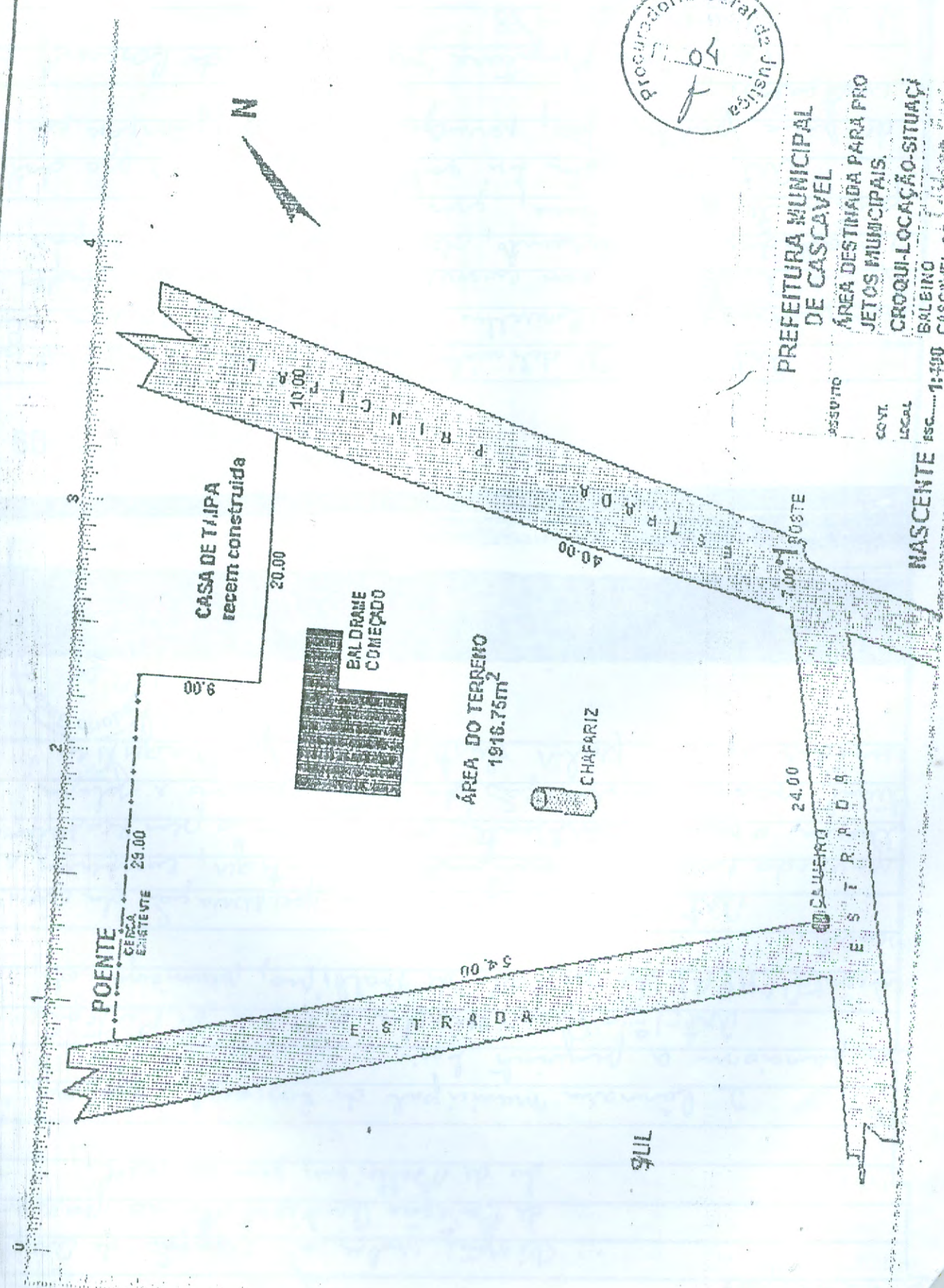
Jureldir Douglas de Sousa
Prefeito Municipal de Corcovel

n = 497/88

Dispõe sobre a criação de Área de Proteção Ambiental do povoado de Balbino, em Cascavel.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL
 ÁREA DESTINADA PARA PROJETOS MUNICIPAIS
 CROQUI-LOCAÇÃO-SITUAÇÃO
 BALBINO CASCAVEL-CE. Projetos



NASCENTE

ÁREA DO TERRENO 1916.75m²

CASA DE TIJOLA recém construída

BALDRAME COMEÇADO

CHAPARIZ

POENTE CERCA EXISTENTE 29.00

ESTRADA

7.00 COSTE

24.00

ESTRADA

10.00

40.00

54.00

3

4

N

0

9UL





ESTADO DO CEARÁ

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL

ANO 1 - ADM. DR. CHAGAS ALVES E THADEU QUEIROZ
TRABALHANDO COM PARTICIPAÇÃO



I - Zoneamento ambiental da área, a ser estabelecido mediante portaria da Superintendência Estadual do Meio Ambiente-SEMACE, ratificada por decreto do Chefe do Poder Executivo Municipal de Cascavel, podendo contar com o Assessoramento do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Cascavel, Associação de Moradores de Balbino e da Câmara Municipal de Cascavel.

II - A utilização de instrumentos legais e de incentivos financeiros governamentais que assegurem a proteção e defesa dos ecossistemas da APA de Balbino, e aplicação de outras medidas tendentes à salva-guarda da unidade histórico-social da Comunidade de Balbino;

III - Estabelecimentos de critérios normativos de uso e ocupação do solo na APA de Balbino, de forma a que se tenha assegurada a manutenção do equilíbrio ecológico;

IV - Aplicação de medidas legais destinadas a impedir ou evitar o exercício de atividades causadoras de poluição e/ou degradação ambiental;

V - Adoção de medidas que visem à manutenção do equilíbrio ecológico em melhoria da qualidade de vida da população nativa.

Art. 4º - Na APA de Balbino ficam proibidas ou restringidas a critério da Prefeitura Municipal de Cascavel, cuidada, a Superintendência Estadual do Meio Ambiente-SEMACE;

I - A implantação de atividades degradadoras ou poluidoras e exemplo de indústrias, aquicultura, capazes de comprometer os mananciais de água e demais recursos ambientais;

II - A realização de obras de terraplanagem e abertura de vias quando estas importarem em sensível alteração das condições ambientais locais;

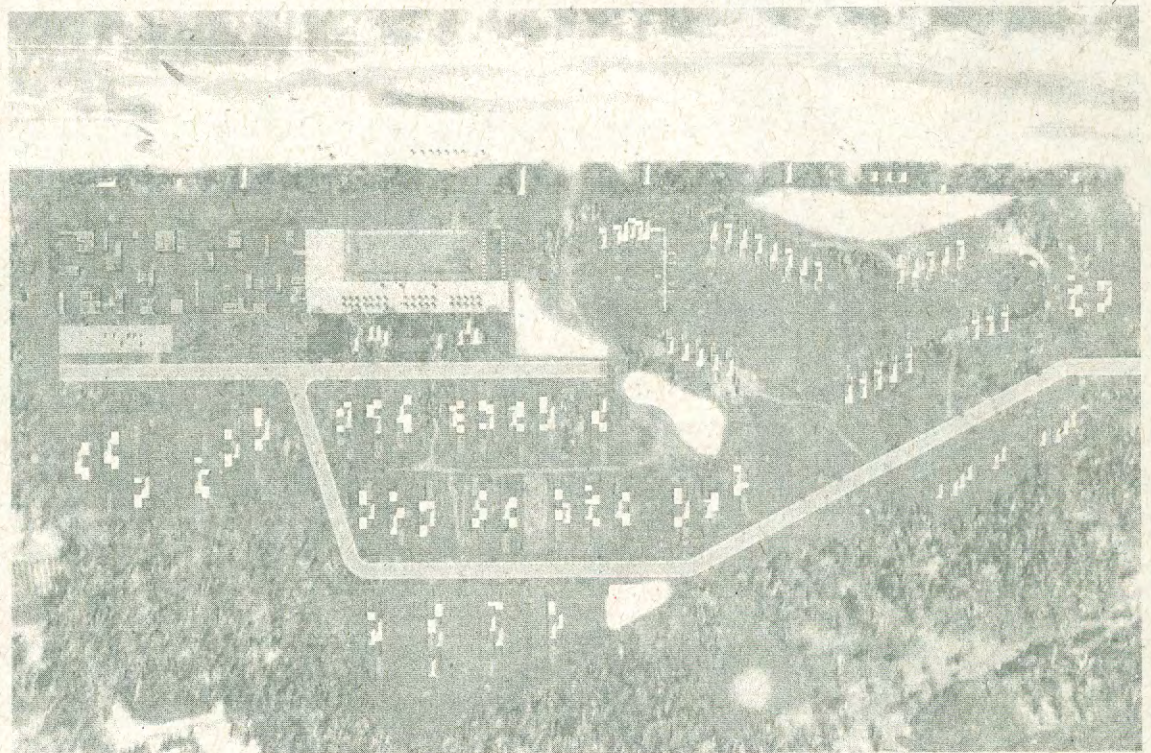
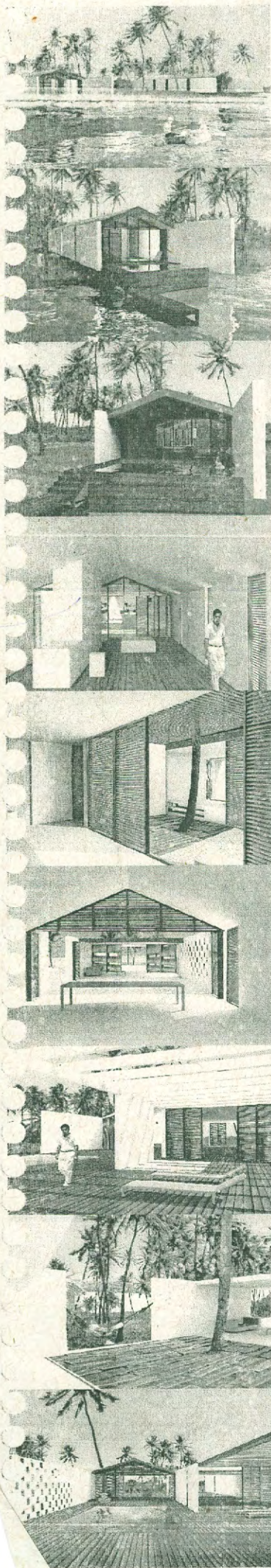
III - O exercício de atividades outras capazes de promover aceleração da erosão ou assoreamento dos recursos hídricos;

IV - A execução ou implantação de obras, atividades ou empreendimentos capazes de descaracterizar o padrão cultural e paisagístico da área.

Art. 5º - As sanções definidas pela legislação federal, em especial leis nº 6.902, de 27 de Abril de 1.981, c/c a de Rua Coronel Joaquim Barros, 1874 - Fone: (085) 334.1297 - CEP 62.850-000 - Cascavel - Ceará

BB INVESTIMENTOS E CONSTRUÇÕES LTDA

**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA
RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA
BALBINO BEACH & RESORT
Cascavel - Ceará**



Volume 2 RIMA

ambiental

A APA do Balbino.

A **LEI N°9.985/00** - Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e estabeleceu critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Entende-se por unidade de conservação o espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídas pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

A Área de Proteção Ambiental é uma Unidade de Conservação do Meio Ambiente de Uso Sustentável, em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. É constituída por terras públicas ou privadas. A Área de Proteção Ambiental disporá de um Conselho presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente, conforme se dispuser no regulamento desta Lei. A criação de uma unidade de conservação deve ser precedida de estudos técnicos e de consulta pública que permitam identificar a localização, a dimensão e os limites mais adequados para a unidade, conforme se dispuser em regulamento. O subsolo e o espaço aéreo, sempre que influírem na estabilidade do ecossistema integra os limites das unidades de conservação. A APA também deve possuir um Plano de Manejo.

A **Área de Proteção Ambiental de Balbino**, foi instituída como Unidade de Conservação do Meio Ambiente mediante a Lei municipal n° 497, de 21 de setembro de 1988, e está completamente situada no Município de Cascavel, Estado do Ceará, e teve por objetivos específicos:

- I Proteger e preservar a unidade social da Comunidade de Balbino através da atuação de sua Associação de Moradores;
- II Proteger e preservar ecossistemas representativos da área, a exemplo de paleodunas, dunas fixas e móveis;
- III - Proteger e preservar o manguezal em toda sua extensão;
- IV - Proteger e preservar formações geológicas de grande potencial paisagístico e científico;
- V - Proteger e preservar os recursos hídricos componentes da sub-bacia hidrográfica da APA de Balbino, a exemplo dos Riachos Boa Vista (Caponga Funda), Mupeba, lagoas freáticas e lagoas;
- VI - Proteger e preservar espécies animais e vegetais;
- VII Promover a execução de projetos, programas e atividades que revertem uma melhoria da qualidade de vida da população nativa.

A APA de Balbino, que é uma Unidade de Conservação Ambiental, fica localizada em uma Zona Especial (Ze6) do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cascavel. Qualquer intervenção física nessa zona só pode ser feita mediante projeto aprovado pela Prefeitura Municipal, ouvido o Conselho Municipal do Plano Diretor e, quando couber, o Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, COMDEMA, e os órgãos públicos federais ou estaduais pertinentes. Não será permitido qualquer tipo de edificação de propriedade privada nas Unidades de Proteção Ambiental.

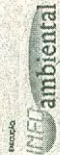
A Prefeitura de Cascavel, inobstante a criação por lei da APA de Balbino, não a implantou nem vem promovendo a reunião do conselho municipal do meio ambiente, além de ter perdido os prazos citados na própria lei de criação da APA.

A área do **Balbino Beach & Resort** fica localizada fora da APA, entre ela e o mar.

Setor Oeste da APA do Balbino: Foto do Projeto

MAPA DE ZONEAMENTO DE USO E OCUPAÇÃO

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA
RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA
Beltrine Beach & Resort
Cascavel - Ceará



PROJETO
88 CONSTRUÇÕES E INVESTIMENTOS LTDA

maio de 2008



UNIDADES DO ZONEAMENTO

UNIDADE A: ZONA DE REFÚGIO

UNIDADE B: ZONA VIÁRIA

UNIDADE C: ZONA RESIDENCIAL E DE SERVIÇOS

Z-C1 Tipologia A

Z-C2 Tipologia B

Z-C3 Tipologia C

Z-C4 Serviços

UNIDADE D: ZONA DO HOTEL

UNIDADE E: ZONA VERDE

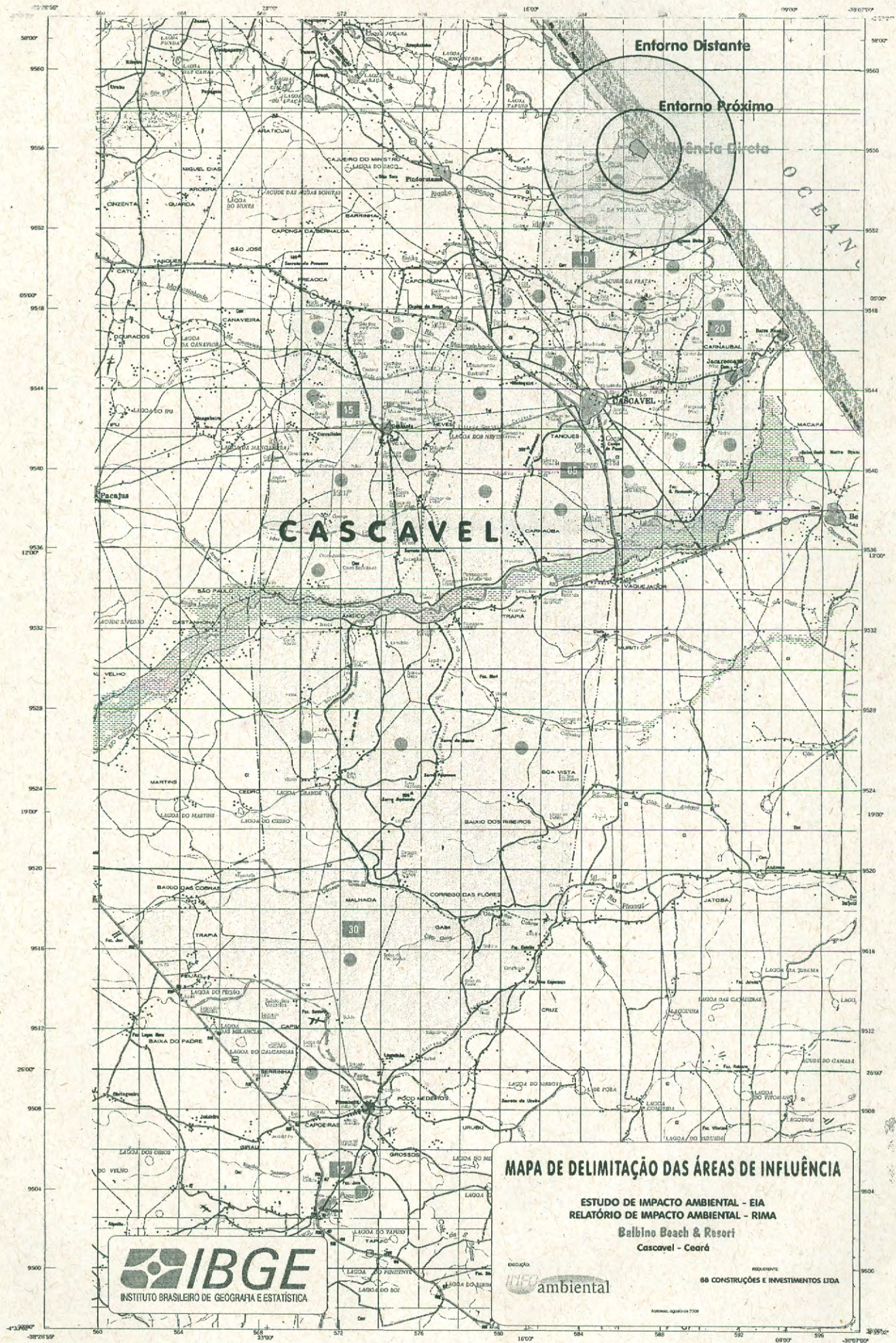
Elementos dos Sistemas

Direção preferencial das correntes edáficas

Sentido do escoamento superficial natural

Escoamento da drenagem





MAPA DE DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL - EIA
RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL - RIMA

Balbino Beach & Resort
Cascavel - Ceará



REQUISITE
88 CONSTRUÇÕES E INVESTIMENTOS LTDA

SEMACE
 Biblioteca Dr. João
 Guimarães Rodrigues

A p r e s e n t a ç ã o

Este documento é componente do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) do Projeto de Implantação de um Complexo Turístico Residencial e Hoteleiro, denominado **Balbino Beach & Resort**, localizado na localidade de Balbino, município de Cascavel, Estado do Ceará, e destina-se ao cumprimento da legislação brasileira, no que se refere ao licenciamento ambiental de obras impactantes ao meio ambiente, especificamente pelo fato do empreendimento ficar limítrofe à Área de Proteção Ambiental do Balbino e no entorno da Reserva Extrativista do Batoque.

O **Balbino Beach & Resort** contempla o aproveitamento do terreno com a implantação de infra-estrutura completa, incluindo barracas de praia e heliponto, dentre outras, e mais a construção de 57 (cinquenta e sete) unidades residenciais unifamiliares (casas) e 01 (uma) unidade multifamiliar (hotel). Estas unidades se destinam a comercialização no mercado imobiliário. O projeto em licenciamento consiste na solicitação da Licença Prévia para implantação do empreendimento, incluindo: implantação do sistema viário; implantação do sistema de abastecimento d'água e de esgotamento sanitário; implantação do sistema elétrico e de iluminação; implantação do sistema paisagístico; e implantação das áreas comuns, além da definição das normas de uso e ocupação. Todas as obras físicas no terreno deverão demandar a solicitação de uma futura Licença de Instalação. As casas atenderão a 03 (três) modelos pré-definidos, sendo um deles com admissão de variáveis. O hotel será de pequeno porte, tendo projetado 30 (trinta) acomodações independentes.

A área pleiteada é constituída por terrenos antes pertencentes a Associação dos Moradores do Povoado do Balbino, que foram comercializados a terceiros, antes da aquisição pelos atuais empreendedores. Essa área não possuía ocupações anteriores, fazendo parte de terrenos holocênicos (terraços) em zona de deflação dos ventos, sendo assim área plana. Na perspectiva ambiental a área foi considerada natural e sem cobertura vegetal além de gramíneas e ciperáceas. A concepção urbanística do empreendimento projetou uma área total de construção com 25.992,00 m² (habitações + hotel + apoios) o que representa 8,16% da área total do terreno com 318.519,85 m².

O uso previsto do empreendimento será do tipo misto: residencial e comercial; com ocupação sazonal e permanente para o uso residencial, e permanente para o uso comercial, que nem sempre será pleno. Para efeitos legais e funcionais, do ponto de vista ambiental a área é considerada rural, mas depois de edificada deverá ser agregada ao ambiente urbano no Balbino. Nesse sentido o terreno não conta com qualquer infra-estrutura, de onde os empreendedores providenciarão: acesso, rede elétrica, rede de telefonia, e rede de abastecimento d'água e coleta de esgotos. A coleta pública de rejeitos sólidos de Balbino deverá ser ampliada e passar a atender a nova ocupação.

O empreendimento é de responsabilidade de **BB Investimentos e Construções LTDA**, contratante desta consultoria independente para execução deste Estudo de Impacto Ambiental. O estudo foi realizado dentro dos mais rigorosos critérios técnicos, sendo consubstanciado na legislação ambiental do Brasil, do Estado do Ceará e do Município de Cascavel e tendo como base o Termo de Referência SEMACE n.º 149/2005 COPAM/NUCAM, emitido em 04 de abril de 2005. Para o empreendedor o conteúdo deste, visa ser um instrumento técnico legal, capaz de promover sua habilitação funcional, tendo ainda em consideração a capacidade de minimizar os efeitos dos impactos ambientais adversos do empreendimento sobre o meio ambiente receptor, bem como maximizar os impactos benéficos, assegurando um futuro sustentável para a área onde se insere e àquelas aonde proporcionar efeitos indiretos.

O Estudo Ambiental realizado incluiu o EIA que contemplou e ampliou o Termo de Referência de acordo com a experiência da equipe técnica e qualificações de detalhe do projeto e da área escolhida, sendo apresentado em 12 (doze) capítulos distribuídos em 03 (três) TOMOS de textos mais um volume de Anexos, que trazem a documentação legal e normativa, a documentação fotográfica e a documentação cartográfica do empreendimento.

Este volume é o RIMA, e representa um resumo do EIA, expresso em linguagem clara e transparente, acessível a técnicos e leigos, apresentado em textos e ilustrações.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

PROJETO DE EXTENSÃO
RESUMO

Título do Projeto: Formação e apoio à Associação dos Moradores de Balbino (município de Cascavel-CE): memória, comunicação, conservação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Código do Projeto:

Palavras-Chave: educação, meio-ambiente, formação, conservação, pesca artesanal, comunicação, memória.

Tipo de Projeto: Curso Evento Estágio
 Ação Integrada Produção e Publicação Prestação de Serviços

Coordenadoria Responsável:
Ação Social e Comunitária Desenvolvimento Regional
Integração Universidade-Sector Produtivo **Integração Universidade-Movimentos Sociais**

Sector de Origem: (Centro/Departamento) Dptos de História e de Comunicação Social (centro de Humanidades) e Dpto de Biologia (Centro de Ciências).

Coordenador(a) Geral: Franck Ribard
Endereço: rua Ubajara, 58. Centro 60150-020 Fortaleza.
Telefone: 3226 30 14 Celular:
Fax: E-mail: frribard@yahoo.com

Temas Temáticos de Ações de Extensão (selecione apenas uma área que melhor represente o tema abordado no projeto)
Comunicação Cultura Direitos Humanos **Educação**
Meio Ambiente Saúde Tecnologia Trabalho

Data de Início: 01-12-2004 Data de Término: 1-12-2005

Local de Atuação: Urbano Rural Urbano-Rural

Resumo do Projeto (Contendo os principais objetivos e os resultados alcançados e/ou esperados, em 10 a 15 linhas):

O objetivo geral visa incrementar atividades de educação/formação permitindo auxiliar a comunidade e a sua associação a implementar, num segundo momento, além da pesca artesanal já existente, outras atividades baseadas na utilização consciente dos recursos naturais, constituindo-se como elementos vislumbrando um desenvolvimento sustentável e uma proteção ambiental assegurada pela comunidade. De fato, a utilização de um modelo de desenvolvimento sustentável aparece como uma alternativa importante para Balbino como por outras comunidades litorâneas do Ceará para garantir a sobrevivência, a conservação e a manutenção consciente dos seus patrimônios culturais e naturais. Pretende-se então auxiliar a Associação dos Moradores do Povoado de Balbino no seu esforço de reestruturação e na implementação do projeto de desenvolvimento sustentável, única maneira de garantir o gerenciamento coletivo da comunidade e a sua capacidade de resistir às pressões externas como, por exemplo, a especulação imobiliária.

Público-alvo: a Comunidade do Balbino
Número de pessoas da comunidade beneficiadas: 100
Número de professores, estudantes e técnicos envolvidos: 10

Parecer do Departamento:

Aprovado

Reprovado

Em reunião do Departamento em:

Assinatura do Chefe de Departamento: _____

Parecer do Conselho de Centro/Departamental:

Aprovado

Reprovado

Em reunião do Conselho em:

Assinatura do Chefe do Conselho de Centro/Departamento: _____

Parecer da Coordenadoria Responsável:

Aprovado

Reprovado

Data:

Assinatura do Coordenador Responsável: _____

Parecer do Pró-Reitor:

Aprovado

Reprovado

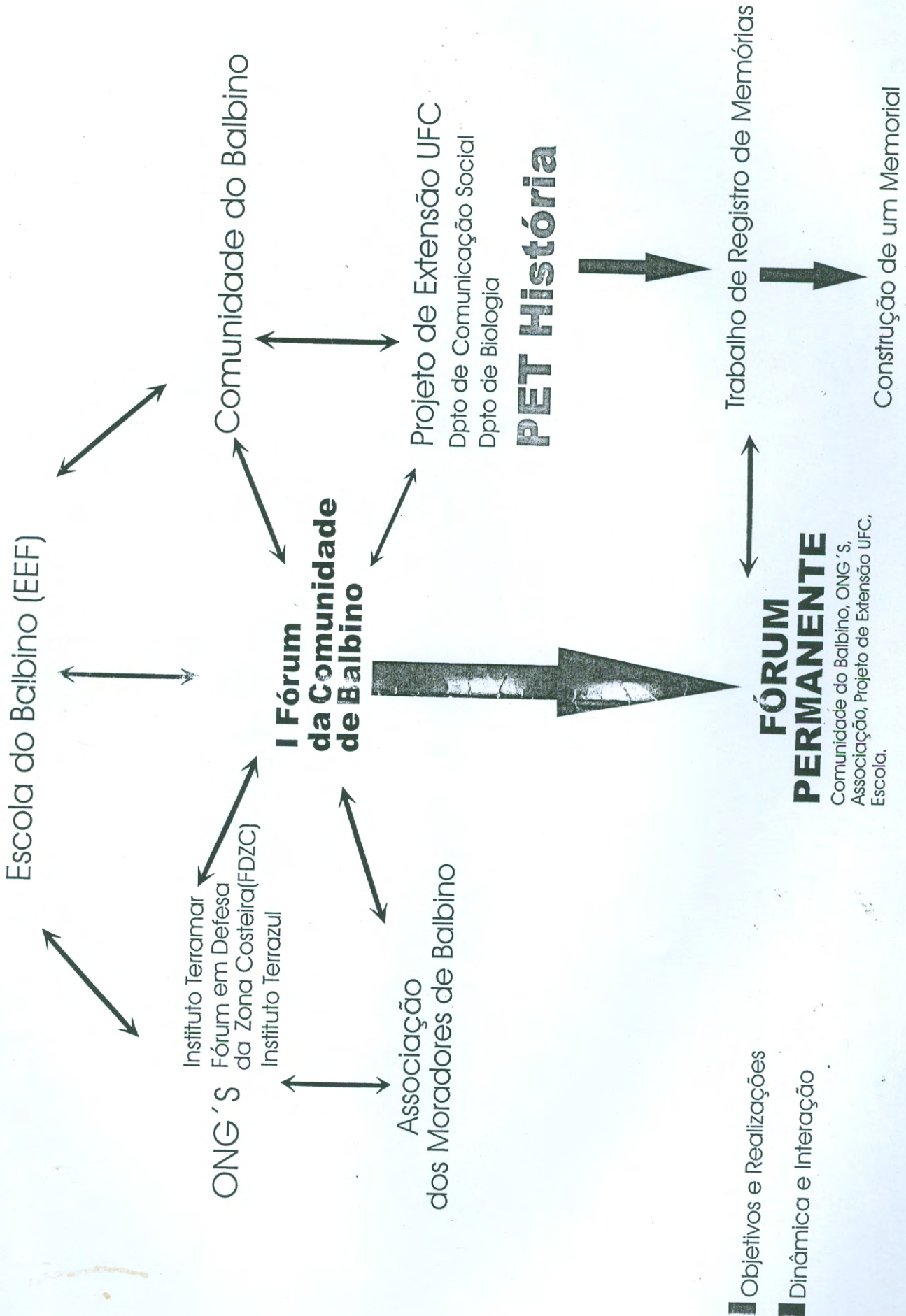
Data:

Assinatura do Pró-Reitor de Extensão: _____

Informações:

Pró-Reitoria de Extensão
Av. da Universidade, 2932
CEP: 60.020-181
CDCT - 288 7460 / 288 7461
Ação Comunitária: 288 7457 / 288 7458
Ação Cultural: 288 7455
E-mail: prex@ufc.br

apresentação Gráfica



Carta do Balbino

Nós da Comunidade do Balbino, reunidos nos dias 26 e 27 de maio de 2005 no “I Fórum da Comunidade do Balbino” sob o título “*Que Balbino queremos? – desenvolvimento e qualidade de vida*” com o objetivo geral de discutirmos e refletirmos sobre o desenvolvimento pretendido em nossa comunidade, assim como programar as atividades que concretizem nossas necessidades. Assim, achamos fundamental expor o que acreditamos.

Para nossa comunidade, desenvolvimento é a melhoria da qualidade de vida de nosso povo. Entendemos por qualidade vida o acesso aos direitos fundamentais – saúde, educação, ambiente saudável, bem como relações sociais baseadas no companheirismo, na solidariedade, no respeito ao indivíduo e no sentimento de coletividade. Para tanto, consideramos os seguintes pontos como fundamentais: responsabilidade e consciência.

A comunidade do Balbino acredita no turismo como uma das estratégias desse modelo de desenvolvimento, no qual o turismo deve ser desenvolvido em harmonia com nossos princípios ecológicos, bem como com nossas principais atividades como a pesca e a agricultura, sem prejudicá-las. Assim, o turismo que queremos deve ser ecológico e sustentável, sendo administrado pela comunidade.

Por acreditarmos no potencial de nossa identidade cultural como um dos atrativos da praia do Balbino, o turismo idealizado por nós deve, também, resgatar, respeitar, valorizar e preservar a cultura local como elemento de conservação de nossa identidade. Para tanto, acreditamos ser imprescindível a união de nossa comunidade ante nossas dificuldades e necessidades, bem como almejos e pretensões.



Corsim é minha história

ALUNO(a) = Vera Lúcia D. Silva

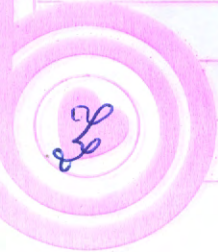
9º Ano

PROF(a) = Carol Braga

Me chamo Vera Lúcia D. S. tenho 14 anos moro na comunidade de Balbino Cascavel-CE estudo na escola E.E.F do Balbino sou integrante da B.B (Banda de Fato do Balbino) admiro muito o teatro gosto de dançar, estudar, namorar, sou divertida, amiga, tenho vários amigos (as).

O Balbino tem uma história muito legal de se contar, teve um especulador tentando tomar novas terras e etc... tem uma peça de teatro Balbino em Chamar que fala como tudo aconteceu, minha matéria preferida é história e ciências. A ciências me chama atenção, e a história fala tudo sobre reais passados.

Não presenciei muita coisa na comunidade participo pouco de tudo que acontece. Minha família é super grande e divertida.



Trabalho de História

NOME: KAROLINE BATISTA

PROF: EDIGAR E PAROL

DATA: 26.10.05

TEMA: CHOQUES CULTURAIS



COMO É LINDA A NATUREZA PRESERVADA!!!

MINI-CURSO DE HISTORIA

NOME: KAROLINE BATISTA SILVA

TEMA: HISTORIA DE NOSSA COMUNIDADE:

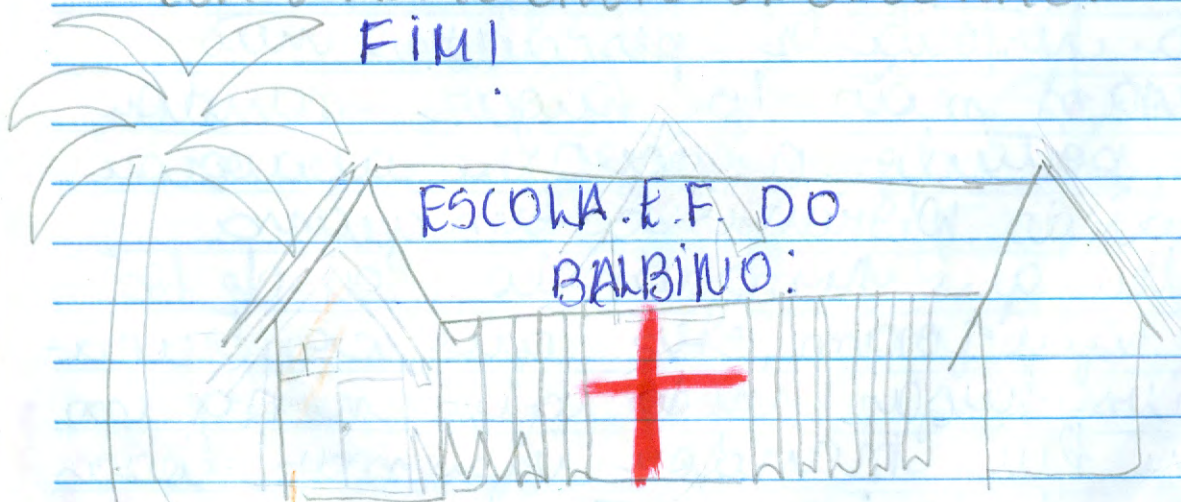
1 NOSSA HISTORIA

TUDO COMEÇOU ASSIM:

quando Índios e negros refugiados da Guará-
lão habitaram nessas terras Os negros
que se juntaram com os Índios foram fazen-
do sua morada e criando seus filhos
e foi descoberto a nossa terra e foram
incluindo muitas pessoas até formarem
uma comunidade. O Balbino que fica
perto de Batoque teve a visita de Rui
caminha onde veio apossar de uma
terça que dava fama a Balbino por
sua paisagem tão bela. Por isso de
logo, Balça e passou a trazer os
turistas para lá onde matou todos
peixes usando produtos químicos
e depois veio a outra parte de
Balbino a praia só que lá foi
Outra história Os pescadores não
deram mão do lugar mandou
um portador o povo se apavorou
quando o Francisco com quem
gritou que ninguém ia sair de lá
por que foram eles que construíra-
m esse lugar sendo que ninguém
saiu Rui mandou queimas todas
as bocas de praia até chegarem

policias pagando após e queimando
as casas a primeira ameaça foi
de manhã cedo, quando a segunda
ameaça foi ao meio dia quando todos
estavam almoçando então da outra
vez não queimaram as casas desta
vez foi a sapuca que ficou queima-
da o povo indignado foram até a
imprensa e desde aí começaram
a lutar por suas terras foi aí
que W' Francisco junto com seus
companheiros ganharam a guarda
da terra com o apoio dos crepes
CPP e com todos os moradores
até hoje todos continuam
em suas terras recebendo apoio
de alunos e professores que nos
ensinam lições na vida e
resgatam a nossa história para
podermos abrir a boca e dizer
MORAMOS NA COMUNIDADE DE BARBINO
COM O PEITO CHEIO DE ORGULHO?

FIM!



É NESTA ESCOLA QUE TEMOS PESSOAS
MUITO IMPORTANTES: SÃO VOÇESC(E)